

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

Condição humana

Leio algures que já não existem na Europa—e eu acrescento mesmo: no Mundo—aqueles antigos e sólidos parapeitos, sobre os quais nos debruçávamos a ver passar e fugir o interminável rio do tempo. A eles nos apoiávamos, em contemplação mais ou menos tranqüila, seguros de que não caíamos nas águas, ora serenas ora revoltas, nunca em perigo de nos afundarmos, presos de vertigens mortais, durante os momentos de contemplação e descanso. Eram uma defesa contra as angustiosas atracções do abismo que se adivinhava na marcha rápida dos acontecimentos, no tumulto dos acidentes e incidentes que de longe provinham e não se detinham em sua marcha impetuosa. Hoje os parapeitos ruíram. Nem estradas, nem pontes os possuem. E ao mais leve descuido, ao mais breve apelo, eis-nos ameaçados de não encontrar em nós resistência bastante para evitar a queda, o naufrágio, o afundamento que tentariamos evitar, se acaso pudessemos. Mas quem se gabará de evitá-los? Nenhuma outra protecção agora substitui a amável

JOÃO DE BARROS

(Continua na página seguinte)

«Aparição» no gelo



A cozinheira de um hospital de S. José da Costa Rica pretendeu ver na cavidade que se formou dentro de um grande bloco de gelo a imagem da Senhora de Fátima e logo a notícia se espalhou, atraindo milhares de pessoas ao hospital para ver a «aparição». A nossa fotografia, onde não há o menor retoque, mostra o fenómeno tal como foi observado. Resta acrescentar que muitas pessoas encharcaram os seus lenços na água proveniente do gelo em fusão a qual atribuíram propriedades milagrosas

Alcide de Gasperi faleceu inesperadamente com 73 anos de idade

ROMA, 19—Alcide De Gasperi faleceu repentinamente, esta manhã, vítima de uma paralisia cardíaca. Como todos os anos, passava as férias em Sella di Valsugana. A notícia foi imediatamente comunicada ao presidente do Conselho, Scelba, actualmente em Figuggi, termas perto de Roma, e aos outros membros do Governo e à direcção do Partido Democrático-Cristão.

Há consternação em todos os círculos políticos e a morte do estadista assume o carácter de verdadeiro luto nacional.

De Gasperi, que chegara a Sella Valsugana há uns vinte dias, teve uma indisposição que não parecia grave, mas que, afinal, levou hoje à morte.

A Itália perde em De Gasperi o homem que, chefiando o Poder nove anos consecutivos—de 1944 a 1953—orientou o curso de toda a sua política desde o fim da guerra e o restabelecimento do regime democrático. Tendo trabalhado na resistência clandestina para a reconstituição do Partido Democrático-Cristão, chegou a fazer deste o árbitro da situação do país. Alvo de hostilidade ora surda ora violenta

(Continua na última página)



ALCIDE DE GASPERI

Os governos de Bonn e do Luxemburgo manifestam compreensão pela atitude de Portugal

Do ministério dos Negócios Estrangeiros, recebemos o seguinte comunicado:

«Tem-se a satisfação de poder tornar publico que o «ministro dos Negócios Estrangeiros do Luxemburgo, posto ao corrente, logo de início, pelo ministro de Portugal, dos acontecimentos da Índia, se manifestou muito impressionado com a perspectiva de agressão contra os territórios portugueses, que implicaria nova guerra. O ministro Bech declarou compreender perfeitamente a atitude de Portugal, esperando que o Governo da União Indiana fizesse todo o possível para evitar actos de hostilidade. Neste sentido, o Governo Luxemburguês praticou imediata diligência junto do Governo de Nova Delhi».

Publica-se também o texto completo da comunicação que o Governo da

(Continua na 3.ª página)

Teve repercussão mundial a entrevista do prof. dr. Paulo Cunha sobre a posição portuguesa na Índia

Segundo informações recebidas de várias capitais, por intermédio da agência A. N. I., a entrevista que o ministro dos Negócios Estrangeiros, concedeu ao director da United Press em Portugal, W. Donald Mackay, teve uma larga repercussão lá fora, susci-

tando os mais favoráveis comentários à forma como o prof. dr. Paulo Cunha expôs a posição do nosso País, em relação ao caso da Índia.

Assim, em Londres os jornais publicam com destaque a entrevista. Tanto o «Daily Telegraph», como o «Manchester Guardian» põem em relevo a incontestável autoridade do entrevistado.

A Imprensa francesa dedica, igualmente, a sua atenção à entrevista, apresentando-a com grandes títulos. «L'Aurore», de Paris, além de publicar a entrevista quase na íntegra, destaca algumas das suas principais passagens.

Nos Estados Unidos, onde se está a

(Continua na 3.ª página)

AS CONTAS PUBLICAS DE 1953

Estes trabalhos acabam numa hora sombria, mas corajosamente enfren tuda — afirma o relatório do ministro das Finanças

Veio a publico o relatório das contas publicas de 1953, documento vasto e minucioso, informativo e meditado, em que se reúnem valiosos elementos para o estudo das condições ge-

rais de saúde económica do País. Abre o valioso documento, que traz a assinatura e a marca de trabalho do sr. ministro das Finanças, com o exame da situação mundial durante um ano em que as iminências de crise por mais de uma vez foram anunciadas como próximas por alguns peritos economistas, vaticínios que, por toda a parte, mais ou menos, os políticos e os homens de negócios receberam com relativa tranqüilidade. Efectivamente, continuou, à vista de todos, a expansão da produção e da vida comercial. Além disso, diz ainda o relatório ministerial, o rendimento real subiu na maioria dos países—e o nosso não fez excepção à regra.

Processo de-trabalho

Quais os indicadores de que lançaram mão os serviços para estabelecer a sua apreciação? São estes os principais, «ordenados pela compreensão natural dos fenómenos, que correspondem à seriação apresentada pelos especialistas.

- 1.º Rendimento nacional, como imagem rasgada do movimento e progresso da riqueza publica e particular, no período de um ano;
- 2.º Continuidade e divisão do trabalho nacional, representando a maior força de impulsão no conjunto, como expressão de ocupações e tarefas para os que são capazes de trabalhar;
- 3.º Aptidão geral ao consumo, traduzindo

(Continua na 7.ª página)

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

As intenções do sr. Mendès-France

na Conferência dos Seis, em Bruxelas prestam-se às mais diversas conjecturas

PARIS, Agosto—Estará o sr. Mendès-France em vésperas de causar uma grande decepção aos Franceses? Eis o que perguntam, ansiosamente, os seus melhores amigos, com viva inquietação, ao verificarem a atitude do chefe do Governo na questão do Exército Europeu. Trata-se, na verdade, de um facto tão inesperado como curioso. Depois de realizar o milagre de conseguir o apoio da grande maioria da opinião publica em França, quando da liquidação da guerra da Indochina, o sr. Mendès-France provocou a divisão dos seus amigos e partidários mais fieis, ao abordar a questão espinhosa da C. E. D.

por ATTICUS

O que houve de fundamental nas decisões tomadas pelo Governo por sua inspiração é que essas decisões descontentaram profundamente os que haviam aplaudido a sua orientação, enquanto os seus mais ardorosos adversários não escondiam uma satisfação compreensível. O facto é tanto mais de registar quanto é certo que os amigos do sr. Mendès-France aguardavam, com ansiedade, que ele desse

(Continua na página seguinte)

Viajante imperial



No seu avião pessoal, chegou esta tarde a Lisboa, a imperatriz Bao-Dai, do Vietnam

(Ler notícia na pag. central)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Mendès-France e a Conferência de Bruxelas

(Continuação da 1.ª página)

nessa questão a medida exacta do seu valor e da sua capacidade.

Uma política bem definida

É preciso reconhecer que os melhores amigos do sr. Mendès-France eram adversários notórios do Exército Europeu e pensavam que a França devia fazer na Europa uma política independente que, sem afastar dos países da aliança atlântica, lhe permitisse libertar-se da tutela americana, agindo no futuro como um parceiro com os mesmos direitos e deveres de todos os outros países que fazem parte dessa aliança.

Os que pensavam assim viam na acção desenvolvida até aqui pelo sr. Mendès-France, especialmente no caso da Indochina, uma garantia. O seu raciocínio era o seguinte: a França, libertada da hipoteca indochinesa, dependeria cada vez menos do auxílio económico e militar dos Estados Unidos, ficando em condições de recuperar a sua independência política, em relação ao poderoso aliado de além Atlântico. A liquidação do conflito indochinês era tida como o primeiro passo de uma caminhada política cuja última etapa seria um acordo formal entre os blocos de Leste e do Ocidente. Só num clima da apaziguamento internacional a França, segundo pensavam os amigos do sr. Mendès-France, poderia libertar-se da tutela americana.

O papel do Exército Europeu

Nesta ordem de ideias, a questão do Exército Europeu era de importância primordial. A sua criação, num ou noutro sentido, para agitar aos seus partidários ou aos seus adversários, condicionaria, em larga medida, o futuro das relações entre o Leste e o Ocidente. Se a França se recusasse a ratificar o Tratado de Paris, a recusa facilitaria o diálogo dos Ocidentais com os Russos. Esse diálogo seria impossível se o Parlamento francês procedesse à ratificação.

No plano europeu, todos os problemas pendentes — Exército Europeu, paz, independência política da França,

etc. — estavam encadeados e constituíam um conjunto, de forma que a liquidação de um deles condicionava a do seguinte. Sem um clima de paz internacional não havia possibilidade de fazer uma política independente em França. Sem a rejeição do Exército Europeu não haveria apaziguamento entre o Leste e o Ocidente.

O aspecto parlamentar

No plano parlamentar, estas realidades traduziam-se por uma reviravolta completa na posição dos diversos partidos, tal como esta se definia no momento em que o sr. Mendès-France subiu ao Poder. Até essa altura, a situação parlamentar caracterizava-se pelo predomínio dos republicanos populares (M. R. P.) em matéria de política externa. Este partido gozava, praticamente, do monopólio da direcção da diplomacia francesa, desde o fim da guerra.

Isto queria dizer que o M. R. P. era o principal responsável por essa direcção e pelos seus resultados, até à formação do Governo Mendès-France. Quando este político assumiu a direcção do Quai d'Orsay, a tarefa de renovação que a sua presença representava, contrariava o que, durante dez anos, haviam feito, alternadamente, os ministros do M. R. P., srs. Bidault e Schuman.

Este facto fundamental fora documentado pela passagem à oposição do M. R. P. e pela polémica em que se envolveram os seus chefes mais representativos na imprensa e no Parlamento. A política do sr. Mendès-France divergia completamente, nos seus objectivos e nos seus métodos, da do M. R. P. e não podia ser levada a cabo sem hostilizar os srs. Bidault e Schuman e mesmo o partido a que pertenciam.

A situação alterada

Essa situação acaba de ser alterada com as decisões tomadas pelo Governo do sr. Mendès-France, a respeito do Exército Europeu. De aí a surpresa é a decepção dos seus amigos e partidários. Sem alinharem claramente com os seus antecessores, o chefe do Governo francês aproximou-se sensivelmente da sua orientação e afastou-se da dos adversários da C. E. D. Estes não alimentam grandes ilusões e as propostas do sr. Mendès-France alarmam-nos em vez de os tranquilizar.

Em princípio, as modificações propostas destinavam-se a tornar inaceitável o tratado pelos outros signatários, ou a torná-lo inaceitável pelo

Parlamento francês. Ora, é opinião corrente que foi a última fórmula que o sr. Mendès-France preferiu, com as alterações que propôs aos seus colegas do Governo e que estes aprovaram. Se fosse assim, isso significaria que o chefe do Governo decidira fazer ratificar o tratado da C. E. D. pelo Parlamento. E, então, estaríamos perante um paradoxo curioso: o chefe do Governo, ferozmente combatido pelo M. R. P. pela sua política europeia, acabaria por lhe dar satisfação conseguindo o que, ao fim de dois anos de esforços persistentes, os republicanos populares nunca haviam conseguido.

Uma nova maioria?

Para explicar esta mudança, que consiste para o sr. Mendès-France em usar a sua popularidade conquistada no combate aos srs. Bidault e Schuman, para no final a fazer aprovar pelo Parlamento, há apenas uma razão. O chefe do Governo encararia a mudança de maioria que lhe permitisse, de futuro, apoiar-se no M. R. P. e nos socialistas, que estão dispostos a votar a ratificação do Tratado da C. E. D. Esta eventualidade não é de excluir, e começa a ser encarada seriamente por aqueles que seguem com ansiedade a evolução do sr. Mendès-France convencidos de que a sua política o conduz a um suicídio, pois os seus inimigos de ontem, tornados transitória e seus amigos, não teriam de esperar muito tempo para o derrubar depois de ele lhes ter prestado um serviço inestimável.

Isto é de tal maneira evidente, que muita gente se recusa a acreditar que o sr. Mendès-France enverede por esse caminho. Nesse caso seria necessário encontrar outra explicação para a sua atitude actual. Dificilmente se compreende que o sr. Mendès-France queira inutilizar uma séria probabilidade de negociar com o bloco de Leste, uma vez que foi ele a indicar esse caminho aos seus aliados, com a Conferência de Genebra.

É por isso natural que o sr. Mendès-France esteja a jogar um jogo excessivamente subtil, o qual consistiria, aparentemente, em dar satisfação aos partidários do Exército Europeu para conseguir os seus votos, estando no fundo decidido a evitar a ratificação, com as propostas que apresentará na Conferência de Bruxelas. Se nessa conferência os outros países rejeitarem as propostas do sr. Mendès-France, será sobre eles, e não sobre a França, que recairá a responsabilidade do malogro do Exército Europeu.

Condição humana

(Continuação da página anterior)

protecção dos velhos paraquedistas de ontem. Isto não significa, porém, que os homens não consigam erguer amanhã novos suportes onde se inclinem e repousem, olhando apenas, e nela não tomando parte, a inexorável, a fatal caminhada dos destinos alheios.

Esta é a esperança maior que nos alimenta a alma, a esperança, e infelizmente não a certeza. Alguém me afirmou, uma vez, que lhe parecia excepcional privilégio ter nascido na nossa época, se nos fosse dado lobrigar de longe o curso das constantes e dolorosas inquietações que nos pungem. Não concordarei. Mesmo sem querer, mesmo contra a nossa mais íntima e decidida vontade, como, de que maneira recusar a nossa ferozmente solidária a quantos sofrem, penam, combatem e se esforçam para criar paz e beleza no universo? Triste privilégio seria, pois, esse de que me falava um egoísta, seco de coração, pobre de ternura, incapaz de fraternidade eficiente. Pois não creio viável e justificável tal atitude de indiferença. Por muito pouco patriota que se deseje ser ou seja na realidade, as desgraças da Pátria as sentimos sempre. E não sentiremos também as desgraças da Humanidade? Cepticos e pessimistas responderão que lhes é fácil esquecer-las ou desprezá-las. Todavia, pergunto: — serão sinceros ao manifestar essa opinião, ao expressar esse pensamento derrotista? Não o creio. É eterno, o sempre actual, sempre verdadeiro o conhecido conceito: — «sou homem, e nada do que é humano me é estranho». Antes, embora lamentando a ausência de paraquedistas defensivos, mergulharmos nas ondas e nas espumas do tumultuoso rio do tempo, de que reconstruir a hospitalidade segurança que eles nos ofereciam. E, depois, com paraquedistas ou sem eles, com ou sem essas — repito aqui palavras de outrem — «fortificações tutelares», a vida contemporânea permitir-nos-á a cómoda displicência a quantos fecham as janelas e se jogam aos ruídos do Universo as julgam assim tê-los suprimido? A morte nos espanta a todos. Não é demais ambicionar que a morte para todos se torne, não na incomportável saudade do que deixamos, mas na consoladora evidência de que subemos e quisemos viver, conscientemente, as mágoas, as tragédias, e, também, claro está, as alegrias e nobres aspirações da vida que nos rodeia e nos arrasta na sua jornada sem fim. Nem outra coisa se deve exigir à nossa «condição humana»... — J. de B.

Sabe o que é... «QUIK ENERGY»?...

«Quik Energy» ou energia rápida, dizem os Americanos referindo-se a DEXTRO-ENERGENY ou dextrose. «Quik Energy», energia rápida, ou melhor de rápida eficiência.

Dextrose corresponde ao açúcar no sangue. Indispensável à vida!

Dextrose, ou mesmo que glucose pura, ou açúcar apropriado ao organismo, que entra imediatamente no sangue logo que derretida na boca, sem cansar o aparelho digestivo.

O DEXTRO-ENERGEN só não deverá ser tomado por aqueles que sofram de diabetes ou que sejam pré-diabéticos.

Trata-se de dextrose, ou açúcar. DEXTRO-ENERGEN não é um medicamento e não contém qualquer substância farmacológica. DEXTRO-ENERGEN é um alimento do sangue, fonte natural da energia e da elasticidade de movimentos, de vigor e da alegria.

Depois de derreter na boca 1/2 a 2 pastilhas, com pequenos intervalos, sentirá as energias voltarem e aumentará a sua capacidade para o trabalho.

DEXTRO-ENERGEN é fabricado na Alemanha, pela Deutsche Maizena Werke G. M. H. B. Título Industrial de renome Mundial.

Experimente, é tão económica a experiência... Quando se sentir cansado, pelo excesso de exercício físico ou mental, use o DEXTRO-ENERGEN, na certeza, que lhe fará bem, sem de qualquer forma prejudicar a vossa saúde.

Vende-se em toda a parte.

Cada Cubo de 6 Pastilhas — 7550

APENAS
2.572\$00
ROMA
NO «RAINBOW» — SERVIÇO TURÍSTICO
PAA
PAN AMERICAN
A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA
— SERVE PORTUGAL HÁ 17 ANOS
Dirija-se ao seu Agente de Viagens
ou a Pan American World Airways
Praça dos Restauradores, 46-Lisboa

Caravel
TEL. 150
Entoril

FRANK and MAISIE
e seus fantoches

LEILA and INVENIUS
coreografia acrobática

FRENCH TANEEFF BALLET
10 pin-up girls

Orquestra **ALMEIDA CRUZ** e conjuntos **MARIO SIMÕES** e **BLUE STARS**
FAUSTO CALDEIRA e **ANDRADE SANTOS** — pianistas solistas
JANTARES - CEIAS - BAILE, nos Restaurantes, Wonder-Bar e Yacht-Club
(Para adultos)

AMANHÃ

ESTREIA do manipulador português TONY FERNANDES



Se vai à pesca ou se passeia no seu barco de recreio, acha divertido comer apenas uma sanduiche...



...quando, graças ao Gazcidla, combustível transportável em pequenas garrafas, pode preparar, mesmo no mar, uma saborosa refeição?

NINA
BOITE DE NUIT
Em pleno êxito
ROSITA-BALLESTA
(Para adultos)

ECONÓMICO E DE EFECTOS EFICAZES
SAIS DE FRUTOS HIGIENE
CADA FRASCO. 18100

APENAS
1.269\$40
BARCELONA
NO «RAINBOW» — SERVIÇO TURÍSTICO
PAA
PAN AMERICAN
A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA
— SERVE PORTUGAL HÁ 12 ANOS
Dirija-se ao seu Agente de Viagens
ou a Pan American World Airways
Praça dos Restauradores, 46-Lisboa

LISBOA EM CAMISA
Leia os engraçados «Casos da Cidade» do jornal humorístico «SEMPRE FIDEL» que só ele conta. É de morrer a rir!



Os filiados pouco antes da partida

Começou hoje o 10.º Acampamento da Milícia da Mocidade Portuguesa com a participação de 500 filiados

Começou hoje a funcionar em S. Jorge, na Batalha, o 10.º Acampamento Nacional da Milícia da Mocidade Portuguesa. Ali já se encontrava desde anteontem a secção de quartéis.

Os embarques efectuaram-se hoje em vários locais. Os filiados dos Centros de Milícia da Ala de Lisboa e das Ilhas Adjacentes seguiram de comboio, ao meio-dia. Na estação do Rossio, compareceram os srs. coronel Ribeiro da Silva, comandante-geral da Milícia, tenente-coronel Raul Pereira de Castro, delegado Provincial da Estremadura e outros dirigentes e famílias dos rapazes.

Os filiados seguem directamente em direcção a Fátima.

Dali, a maioria deles, por sua vontade, dirigem-se a pé para S. Jorge. Os restantes são autotransportados para o acampamento, no qual tomam parte todos os Centros de Milícia do País, incluindo os das Ilhas Adjacentes, cujos filiados realizaram a viagem para Lisboa, em avião militar.

O acampamento tem um efectivo de cerca de quinhentos filiados e é dirigido pelo sr. tenente-coronel Arnaldo Schultz, adjunto do Comando-Geral da Milícia, coadjuvado pelo sr. capitão Mota de Oliveira.

Acompanham os filiados da capital e das Ilhas Adjacentes os srs. tenente Helder Ribeiro e o assistente religioso padre Queirós e ainda um grupo de cadetes da Escola do Exército, que auxiliarão o comando na realização dos exercícios.

Os filiados terão dez dias de permanência no acampamento e, durante esse espaço de tempo, os que na maioria se destinam à Escola do Exército realizarão exercícios de aperfeiçoamento, com vista às provas de admissão àquele estabelecimento de ensino militar.

Durante o acampamento será disputada a «Taça Nuno Álvares», para o que se efectuarão provas de patrulha, tiro e atletismo.

A referida taça que tem sido ganha em diversas competições por diversos Centros de Milícia, encontra-se actualmente na posse do Centro de Milícia n.º 1 da Ala de Lisboa.

Acampamento de comandantes de bandeira e de castelo

Depois de amanhã, no Magoito, próximo de Sintra, começará a funcionar o acampamento dos cursos de comandantes de bandeira e de castelo em funcionamento da Escola Central de Graduados, desde o princípio do corrente mês.

Os graduados abandonarão, de manhã, a Casa da Mocidade e, autotransportados, seguirão para o local do acampamento.

Os referidos cursos que têm como patrono D. João de Castro e divisa «Resistir e Vencer», são constituídos por cerca de 200 filiados e dirigidos pelo sr. capitão Carlos Gomes Bessa, que comandará o acampamento.

No próximo dia 29 realizar-se-á a tradicional cerimónia da imposição das insígnias aos novos comandantes de bandeira e de castelo.

Solenes afirmações do embaixador do Brasil em Cuba em apoio da posição de Portugal na Índia

HAVANA, AGOSTO—No seu numero de 8 do corrente, o «Diário de la Marina» publicava uma interessante declaração do embaixador do Brasil em Cuba, dr. Manuel César de Góes Monteiro, a propósito dos acontecimentos ocorridos na Índia Portuguesa. Vem, por assim dizer, no desenvolvimento das afirmações dadas nas mais altas esferas oficiais do Rio de Janeiro. Pelo seu significado político e afectivo, vale a pena, na verdade, transcrevê-las.

Na sua entrevista àquele importante diário cubano, disse o dr. Góes Monteiro:

«A posição definida que o Brasil assumiu, em face dos recentes acontecimentos da Índia Portuguesa, deriva não apenas da tradicional amizade que nos liga a Portugal, mas também da consciência jurídica brasileira e do apreço em que temos os princípios de Direito Internacional, consubstanciados na Carta das Nações Unidas. A emancipação política do Brasil, verificada em 1822, foi o imperativo de um movimento nacional irresistível. Tal emancipação, contudo, não significou a repulsa, pelos Brasileiros, dos legados da cultura lusitana. O Brasil orgulha-se de sua ancestralidade ibérica e reconhece o quanto deve à cultura portuguesa. O próprio presidente Getúlio Vargas já o disse um dia: «Os nossos laços de consanguinidade são tão fortes e tão caros aos nossos sentimentos, que nada que seja português nos pode ser indiferente, que nada que diga respeito ao Brasil pode ser estranho a Portugal». Fórmula felicíssima que corresponde, perfeitamente, ao pensamento de todo o povo brasileiro. Abstraindo, entretanto, tais considerações de ordem sentimental e histórica, que exprimem um fenómeno unico na História, vejamos as características jurídicas da questão, que não podem deixar de ser aceitas, mesmo por países não ligados a Portugal por tais laços culturais e políticos. Inicialmente, há que reconhecer a lisura com que Portugal se tem havido nos certames internacionais, sem jamais desprestigar qualquer princípio do Direito das Gentes. Sem ser membro da O. N. U., Portugal acata os princípios da Carta de São Francisco, advoga a solução pacífica dos dissídios internacionais e conta-se entre os países mais

esforçados do Pacto do Atlântico Norte. Povo civilizador por excelência, Portugal tem governado seus territórios na Índia, por quase cinco séculos, imprimindo às populações de tais territórios os princípios morais, culturais e políticos que distinguiram todas as suas empreitadas colonizadoras. Quanto ao princípio da auto-determinação, é mais que justo recordá-lo — como bem o recordou o «Diário de la Marina» — que as populações da Índia Portuguesa ainda não foram chamadas a manifestar-se sobre o seu destino. Assim, qualquer conclusão sobre os pontos de vista de tais populações são absolutamente empíricas. O Governo brasileiro está certo de que a opinião pública internacional fará justiça a Portugal e reconhecerá o direito que lhe assiste a ver o assunto tratado por métodos que não sejam a violência e a anexação pela força dos territórios, cuja posse legítima detem há quase quinhentos anos territórios que incorporou à civilização cristã e tem colonizado, através dos tempos, com espírito humano e senso progressista». — (E.).

As manifestações dos governos de Bonn e do Luxemburgo

(Continuação da 1.ª página)

verificar um movimento de crescente interesse da opinião publica pela posição de Portugal na Índia, também a Republica Federal Alemã enviou a Legação de Portugal em Bonn: «O Governo Federal, atribuindo o maior interesse à conservação e fortalecimento da paz no mundo, observou desde o início com muita atenção o desenvolvimento do desacordo indo-português sobre Goa, Damão e Diu. Espera-se sinceramente que a este desacordo seja posto termo por meios pacíficos, tão breve quanto possível. O Governo Federal apreciaria por isso que entre os Governos indiano e português se chegasse a acordo sobre a proposta portuguesa de enviar observadores de terceiros países».

A repercussão da entrevista do prof. Paulo Cunha

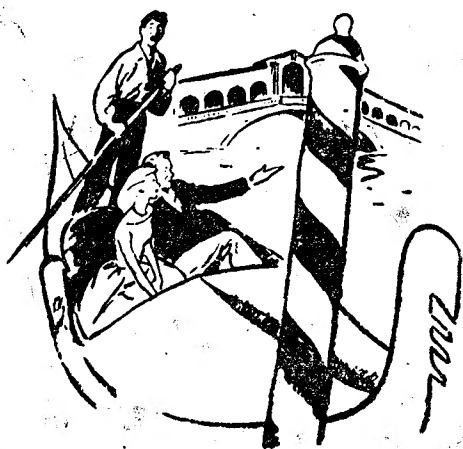
(Continuação da 1.ª página)

entrevista com o ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal teve larga repercussão na Imprensa. E' curioso registar que as estações de televisão espalhadas por toda a América do Norte estão a incluir nos seus programas as principais passagens da importante entrevista.

O diário de língua espanhola «La Prensa», que se publica em Nova York, também insere as declarações do professor Paulo Cunha.

Do mesmo modo, a Imprensa de Roma, Rio de Janeiro, Genebra, Viena, Madrid, Helsinquia, Santiago do Chile e Cidade do México acolheu a entrevista com manifesto interesse pelas declarações do ministro dos Negócios Estrangeiros, a avaliar pelo relevo com que é publicada.

Itália



Goza voando pela TWA. Sobre a atmosfera, com toda a segurança, num aparelho TWA Constellation, irá suavemente com rapidez e chegará com absoluta pontualidade. Voar luxuosamente em primeira classe ou economicamente, na confortável classe turística. TWA é a linha aérea escolhida por mais de três milhões de passageiros através do Mundo.

Para informações e marcações, consulte o seu agente de viagens ou dirija-se a TWA

AVENIDA DA LIBERDADE, 258—Tel. 46104

VOE NA **TWA**



TRANS WORLD AIRLINES
USA • EUROPE • AFRICA • ASIA

EXPERIMENTEM OS CIGARROS

SPORTING

COM MELHORES TABACOS E FORRO DE ALUMINIO QUE LHE CONSERVA A FRESCURA E O AROMA

Qualidade muito melhorada
Melhor embalagem
Mesmo preço — Esc. 2\$90

Companhia Portuguesa de Tabacos

APENAS
1.924\$30
NICE
NO «RAINBOW» — SERVIÇO TURISTICO
PAA
PAN AMERICAN
A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA
— SERVE PORTUGAL HÁ 17 ANOS
Dirija-se ao seu Agente de Viagens
ou à Pan American World Airways
Praça dos Restauradores, 46-Lisboa

A acção da Fiscalização

Maus negócios de carne e de café

Os Serviços de Fiscalização da Intendência Geral dos Abastecimentos estão a vigiar o comércio de cafés, feito por grosso, estando em averiguações algumas queixas apresentadas por grossistas. Também acusado de exportação irregular de café foi presente sob prisão, ao tribunal de Caminha, um comerciante estabelecido junto do rio Minho, sendo-lhe arbitrada a caução de 150 contos, que pagou. Ainda por não indicarem a Fiscalização as existências, respectivamente, de mil duzentos e vinte e cinco quilos de café de Angola, foram processadas duas firmas do Porto, às quais foi posta em sequestro a mercadoria.

Entretanto, pelo País, a Fiscalização vai vigiando os preços de venda de carne ao público. Não obstante aumentarem, ultimamente, as queixas relativas a abusos por parte de talhantes, que se traduzem, várias vezes, em apreciável acréscimo das tabelas em vigor. Na Anadia, foi preso em flagrante delito de especulação o cortador João Lopes Mota, que vendia carne de vitela de 16580, aos preços de 20 e 26 escudos. Numa pesagem de 9,250 quilos cobrou a mais 6580, apurando-se que vinha, de há tempos, praticando larga especulação. Entregue ao tribunal, foi-lhe arbitrada a caução de 90 contos. Também foram presos, por especulação, Joaquim Ferro Neto, do mercado do Estoril (Poça); João Ramos Alves da Nazaré, que cobrou 6550 a mais, em cada quilo de carne de vaca; José Francisco Marialves, da Figueira da Foz, que vendia vitela 4500 mais cara; e Eva Rodrigues de Lima, de Vouzela. Foram ainda processados talhantes em Lisboa, Vidago, S. Martinho do Porto, Foz do Arelho, Almeirim, Venda do Pinheiro e Guimarães.

O preço do carapau

Os mesmos Serviços de Fiscalização processaram em Lisboa algumas vendeiras de mercados e peixarias, por serem encontradas a vender carapau de 7500 o quilo, aos preços de 8 e 9 e mesmo 12500. No Porto e no Cartaxo, também foram processados vendedores, por especulação na venda de pescada, pargo e cachucho.

Outros preços especulativos

As brigadas estão a fiscalizar, em várias localidades, os preços dos produtos hortícolas nos mercados, sendo processado em Beja um vendedor por estar a vender o tomate a 4500 o quilo, quando o preço corrente é de 1550 e 2500. Em Vila Real, foi também processada a gerência duma pensão-restaurante por fornecer ao público refeições a preços superiores aos da respectiva tabela aprovada pelo S. N. I.

Contra a saúde pública

Eis a lista dos m'ordeiros surpreendidos agora pelos Serviços de Fiscalização, com existências, para venda ao público, de produtos considerados impróprios para consumo: o proprietário de uma pastelaria das Caldas da Rainha que tinha 45 quilos de frutas em ca'da; uma sociedade comercial de Albergaria-a-Velha, com presunto e paio; um talhante do mercado municipal da Figueira da Foz com duas pernas de cabrito; um talhante das termas da Curia, com carne de vaca; um comerciante e industrial de Vila Nova de Famalicão, com carne de porco já em estado de putrefacção; um retalhista de mercearia de Cortes, Monção, com toucinho proveniente de um suíno que abatera clandestinamente e estava a vender a 19500 o quilo; e um talhante de Maceira-Lis, com 43 quilos de carne de um suíno também abatido clandestinamente.

TEATRO NACIONAL DE O. MARIA II

Hoje, às 21 e 45, 100.ª e última representação, em récita dos autores

PRÉMIO NOBEL

com Amélia Rey Colaço, Raul de Carvalho e Robles Monteiro em grandes criações

(Maiores de 13 anos)

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Consta que não chegaram a bom termo as conversações havidas entre uma individualidade ligada a negócios teatrais, e que se propunha financiar a montagem da revista «Viva o homem», e os dirigentes da companhia que a está a ensaiar, por falta de acordo sobre alguns pontos de vista artísticos e administrativos. Sob a primitiva orientação, prosseguem os ensaios, que continuam a fazer-se no Teatro Apolo, para esse fim cedido pela respectiva empresa.

— Do elenco do Teatro Maria Vitória continua a fazer parte a actriz Nina Monteiro.

— O empresário Vasco Morgado conta poder estreiar até sábado, no Monumental, a comédia «Precisa-se um marido». Por esse motivo foi posta de parte a ideia da reabertura, no sábado e domingo, do Teatro Avenida.

— Continuam as negociações para a reabertura do Teatro da Trindade. Até ao fim desta semana deve ficar resolvida a sua exploração por uma nova empresa.

— Seguiu hoje para o Porto o sr. João Silva, secretário da empresa do Coliseu daquela cidade, que há dias se encontrava em Lisboa.

— O artista madeirense Max continuará contratado da empresa do Teatro Maria Vitória, participando do desempenho da revista que em Setembro ali deve entrar em ensaios.

— Por enquanto nada há de concreto sobre a futura actuação dos artistas que anteontem chegaram da sua digressão ao Ultramar.

— Tiveram hoje a sua primeira reunião os maestros Fernando de Carvalho, Tavares Belo e João Nobre, autores da música da nova revista «Como é o tempo».

— Em Alcobaca está instalado o Grande Circo Alegria, em digressão pela Província.

Primeiras exhibições

«Sombras na cidade», no Império

Sem mais rodeios, afirmamos, desde já, que «Sombras na cidade» é um bom filme do género de aventura e mistério ou, se quiserem, do estilo policial.

O argumento, de Crane Wilbur, possui emoção a rodos e André de Toth, o realizador, soube imprimir-lhe movimento, sucedendo as imagens num ritmo alucinante, capaz de deslambelar os nervos ao espectador que deles esteja mais seguro.

A actuação da Polícia, servindo-se dum ex-presidiário como «isca», se não é minuciosamente contada, é, pelo menos, apresentada com sequência lógica, podendo os espectadores avaliar as dificuldades dos caminhos que os agentes da ordem trilharam, para defender uma cidade dos homens sem escrúpulos e sem lei. Sterling Hayden encarna com muita propriedade — muita, mesmo — a figura dum tenente da Polícia, aparentemente endurecido pela profissão, mas afinal compreensivo e humano como poucos.

Dos restantes intérpretes salientam-se Gene Nelson, que nos aparece pela primeira vez sem ser como bailarino, e Phyllis Kirk, que o Império revelou em «Máscaras de cera». Destaquemos, também, Jay Novello, no papel dum médico a quem a prisão e o álcool atraíram para o fundo.

Entre os complementos, que são franca-

«Solar do Duque»

RESTAURANTE TÍPICO

HOJE E TODAS AS NOITES PODERÃO



António Bessa



M. da Conceição «Mãe Preta»



José Borges



Cecília de Jesus



M. da Assunção

mente agradável, merece menção especial o jornal «Imagens de Portugal», com excelente fotografia e bom sentido de reportagem cinematográfica. — V. D.

As estreias de hoje

No S. Jorge

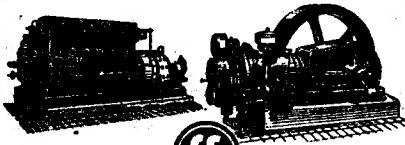
Titulo—«O feiticeiro de Oz»
Firma produtora—M. G. M.
Realizador—Victor Fleming.
Principais intérpretes—Judy Garland, Frank Morgan, Ray Bolger, Bert Lahr e Jack Haley.
Argumento—Baseado no célebre conto infantil do mesmo nome, apresentando, em belo colorido, um mundo fantástico de maravilhas, com todos os seus encantadores habitantes.
Classificação—Para maiores de 13 anos.

No Politeama

Titulo—«O seu melhor amigo»
Firma produtora—Fox Filme.
Realizador—Robert Panish.
Principais intérpretes—Richard Widmark, Joanne Dru e Audrey Totter.
Argumento—A história de um homem a quem a mulher aceita trocar o filho pelos milhões que ela exigia para autorizar o divórcio.
Classificação—Maiores de 18 anos.



CROSSLEY



MOTORES DIESEL VERTICAIS E HORIZONTAIS
INDUSTRIAIS, CENTRAIS ELECTRICAS E OUTRAS

APLICAÇÕES

REPRESENTANTES:

Sociedade Lusa Electrica, Limitada
11, C. do MARQUEZ DE ABRANTES. 13
LISBOA

REGUEIRÃO DOS ANJOS 20-22
(PRÓXIMO AO CINEMA LIS)

OUVR ESTES DISTINTOS ARTISTAS



LAURA ALVES



VASCO SANTANA

SAO 2 DOS NÓMES INTEGRA-
DOS NO ELENCO DE VEJETAS
QUE AINDA ESTA SEMANA SE
ESTREARÁ NO

MONUMENTAL

com HORTENSE LUZ, CARLOS
ALVES, MARIA HELENA, HEN-
RIQUE SANTANA, AIDA BAPTIS-
TA, etc., na farsa de FREDERICO
PRESSLER

PERDEU-SE UM MARIDO

O MAIOR ACONTECIMENTO AR-
TISTICO DOS ULTIMOS ANOS

AS MARCAÇÕES SÓ SERÃO RES-
PEITADAS ATÉ HOJE ÀS 15 H.

Um espectáculo de Vasco Morgado

AR REFRIGERADO

BILHETES À VENDA

Pensão Monumental

Magníficos aposentos.
Serviço de bom hotel.
Rua da Glória, 21 Tel. P. X. 29807

A primeira vítima do Diabo

Amanhã no MONUMENTAL

YVONNE
De CARLO
COM
ROCK
HUDSON

NO GRANDE FILME
EM TECHNICOLOR

O ANJO VERMELHO

Exclusivo DOPERFILME

Para 18 anos



MAIS DE 1.800.000

VISITANTES REGISTRARAM JÁ
OS CONTADORES DA

FEIRA POPULAR DE LISBOA

UM ESPECTACULO QUE NÃO CANSA, QUE DIVERTE E DA ALEGRIA
E ANIMAÇÃO À POPULAÇÃO DA CAPITAL

TODAS AS NOITES, A PARTIR DAS 19 HORAS, FESTA EM PALHAVA

ENTRADA 1 ESCUDO

VA JANTAR AO RESTAURANTE «PÓR DO SOL»

PREFERIDO PELAS SENHORAS E PELA COLÓNIA ESTRANGEIRA
PREÇOS CORRENTES

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

O FEITICEIRO DE OZ

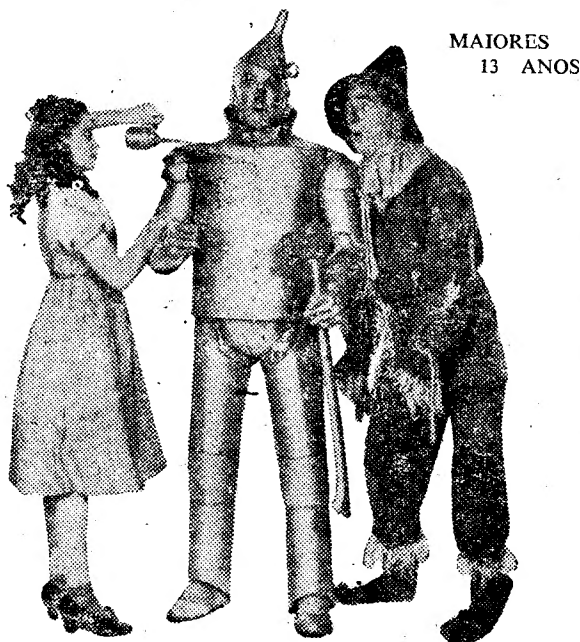
Em deslumbrante **TECHNICOLOR**
com

Judy Garland — Ray Bolger
Jack Haley — Frank Morgan

e centenas de anões!
Um dos mais maravilhosos
filmes de todos os tempos!

UMA REPOSIÇÃO
M-G-M

HOJE no SÃO JORGE



MAIORES
13 ANOS

HOJE NO POLITEAMA

UM DOS MAIS BELOS ROMANCES DE TERNURA!

**RICHARD
WIDMARK**

**JOANNE
DRU**

**AUDREY
TOTTER**

NA HISTÓRIA DO HOMEM QUE NÃO PENSAVA NO AMOR E QUE NELE ENCONTRA A SOLUÇÃO
DUM PROBLEMA GRAVE

O SEU MELHOR AMIGO

Produção de STANLEY RUBIN

Realização de ROBERT PARRISH

A CONDENAÇÃO DO DIVÓRCIO NUM FILME DELICIOSO E CHEIO DE
INTERESSE

(Para adultos)



Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS — «O SEU MELHOR AMIGO» — POLITEAMA
DE HOJE: — «O Feiticeiro de Oz» — SÃO JORGE



TEL. 50595
As 15 e 18,15 (a
preç. red.) e 21,30
(Para 13 anos)

Reposição a preços po-
pulares da Obra-Prima
em CINEMASCOPE

A TUNICA

em technicolor com
Richard Burton, Jean
Simmons e Victor
Mature



BALCÃO 54154
PLATEIA 54153
(Para 13 anos)

A's 18,15
EM DESPEDIDA
INSEPARÁVEIS

A's 21,30, Reposição do
sensacional technicolor.

O Feiticeiro de Oz

TOMMY DANDO, no órgão electrónico



PLATEIA 55134
BALCÕES 55135
(Maiores 13 anos)

A's 15,15 e 21,30
Extraordinário êxito de
SOMBRA NA CIDADE

Um filme de André de
Toth, com Gene Nelson,
Sterling Hayden e Phil-
lis Kirk



TEL. 26283 — 47163
Soirée às 21,30

4.ª semana do melhor es-
pectáculo da actualidade

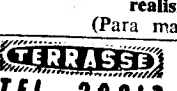
A Alegre Caravana
com a famosa vedeta
Paqueta Rico
(Maiores de 13 anos)



TEL. 55131

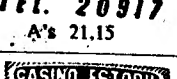
ULTIMO DIA!
A's 21,30
Amedeo Nazzari
e Cosetta Greco
no grande êxito

O BANDIDO DA COVA DO LOBO
Um filme extraordinário de beleza,
realismo e emoção!
(Para maiores de 18 anos)



TEL. 20917
A's 21,15

**PROCESSO CONTRA
A CIDADE**
O VINGADOR NEGRO
(Para adultos)



TEL. 730 — EST.
A's 21,30

**PELO VALE
DAS SOMBRA**
com Gary Cooper
(Para adultos)



TEL. 20768
(Para 13 anos)

15,30 - 18,30 e 21,30
4.ª SEMANA
Últimos espectáculos

MARIA SCHELL
No emocionante filme
HISTÓRIA DE UM GRANDE AMOR
(DR. HOLL)



TEL. 26305

A's 18,15 — DESPEDIDA
**PRISONEIROS
DA MONGOLIA**
(Para 6 anos)



TEL. 22523
15,15-18,15 e 21,30
(Para adultos)

A's 21,30 — EM ESTREIA
O SEU MELHOR AMIGO
com Richard Widmark
(Para 18 anos)



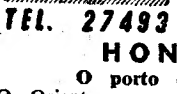
TEL. 22523
15,15-18,15 e 21,30
(Para adultos)

Em ultimas exhibições
O grandioso filme que
faz crisar os nervos!
MATOU
com David Wayne, Ho-
ward da Silva e Luther
Adler

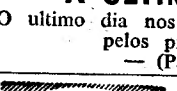


TEL. 27493

A's 21,30
A preços reduzidos
O espectacular filme com
Ronald Regan
e Rhonda Fleming



HONG-KONG
O porto das mil aventuras!
O Oriente e os seus costumes misteriosos
— 13 anos —
TERRAÇO — A's 21,30 — A preços reduzidos
O filme de emocionante realidade
A ULTIMA PATRULHA
O ultimo dia nos campos da Coreia vivido
pelos próprios soldados
— (Para 13 anos) —



TEL. 27493

Cinema ao ar livre
A's 21,15
**AMANHÃ É UM
NOVO DIA**
com Pier Angeli
FERNANDEL
ACROBATA
Farsa de gargalhada
(Maiores de 18 anos)



PARQUE MAYER
Preços populares

(Maiores de 13 anos)

BOXE

(Para adultos)



HOJE, às 21,45

**Estádio
Internacional**

Parque Mayer

**7 COMBATES 7
MEIAS-FINAIS**
Campeonato Regional

Preços populares: Peão 3\$00
Bancadas 5\$00 Ringue 10\$00

Leiam o «Sempre Fixe»

**AMANHÃ no
CONDES**

Filme LUX — Excl. MUNDIAL FILMES

MELODIA IMORTAL

UM ROMANCE DE AMOR E GLORIA DE
UM ARTISTA QUE TRANSFORMOU A DOR
EM MUSICA E POESIA

**PIERRE CRESSOY
CARLA DEL POGGIO**
em magistrais criações

EDEN

Amanhã-estreia



A INIMIGA

NOTÁVEL ADAPTAÇÃO DA

CÉLEBRE PEÇA DE

DARIO NICCODEMI

A HISTÓRIA IMORTAL DE TRES
AMORES... DE TRES CORAÇÕES DE
MULHER

— PARA 13 ANOS —

**UM ÊXITO QUE SE
AVIZINHA**

DEPOIS DUM ÊXITO QUE FICA
MEMORÁVEL

HOJE — ÚLTIMOS
ESPECTÁCULOS

da 4.ª SEMANA de
**HISTÓRIA DE UM
GRANDE AMOR**

DR. HOLL (Para 13 anos)
COM

MARIA SCHELL

SÃO FILMES DA

SÉRIE-MARAVILHA

O CINEMA

E O CORAÇÃO DA MULHER

CASINO ESTORIL

EPOCA DE VERAÇÃO todas as noites

**Programa de atracções
internacionais**

no Salão-Restaurante às 23,45
no Wonder Bar ou Yacht Club à 1,30
CONDIÇÕES DE ACESSO: aos sábados
no Salão-Restaurante à opção do cliente:
só entrada, Esc. 25\$00, ou entrada com
direito a consumo até 40\$00 (incluindo ta-
xas), Esc. 40\$00. Nos restantes dias: no
Salão-Restaurante à opção do cliente: só
entrada, Esc. 20\$00, ou entrada com di-
reito a consumo até 30\$00 (incluindo ta-
xas), Esc. 30\$00.
Aos domingos (Com atracções) Chá
completo, Esc. 20\$00.

DESPORTOS

Um alvitre

para a realização
de uma corrida
de motociclistas

Uma comissão delegada dos corredores motociclistas internacionais portugueses, constituída pelos conhecidos «ases» Albano Jacques, António Pinto e António Rodrigues, esteve na nossa redacção a pedir que tornássemos público o seu oferecimento para, graciosamente, participarem em corridas de velocidade pura, em Lisboa e, possivelmente no Porto, cujo produto revertaria para o movimento nacional de solidariedade a favor das famílias dos soldados da Índia. As referidas corridas—ou corrida—seriam organizadas por qualquer entidade que quisesse tomar o encargo de as promover.

Além daqueles corredores, dão também a sua adesão a esta patriótica iniciativa, entre outros, os seguintes «internacionais»: Isaac Caetano, Américo Lima, José Luís Salgado, Afonso Espalha e Espírito Santo.

Cabe lembrar que estas provas desportivas tiveram sempre o favor do público e que, por não se realizarem há muitos anos entre nós, obteriam êxito seguro. Além destes conhecidos internacionais, pode contar-se desde já com muitos corredores de outras categorias, que valorizariam notavelmente as provas a realizar. O facto de continuarmos presentemente com um magnífico circuito na capital aumenta ainda mais as probabilidades de se atingir plenamente o fim em vista.

FESTIVAL DESPORTIVO

a favor de um hospital

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 17—Com o propósito de angariar receitas para a construção do hospital local, cujas obras prosseguem activamente, promove a Misericórdia, no próximo dia 22, na sede do concelho, uma corrida de bicicletas motorizadas, com duas voltas ao percurso: Campelo, Gove, Santa Cruz do Douro, Covelas, Santa Marinha do Zêzere, Gestação, S. João de Ovil e Campelo, num total de 86 quilómetros. O circuito começará às 10 horas.

Pelas 16 horas, e com o mesmo fim, haverá um torneio de tiros aos pratos. Aos melhores classificados serão atribuídos prémios pecuniários.

AUTOMÓBILISMO

O II «Rallye» Lisboa-Madrid

Amanhã, às 21 e 30, efectua-se na sede do Clube 100 a Hora a entrega dos prémios particulares que gentilmente foram oferecidos para ser atribuídos aos concorrentes melhor classificados no II «Rallye» Lisboa-Madrid.

Foi preso um ciclista

que atropelou e se pôs em fuga

VILA REAL, 19 — A G. N. R. prendeu Arlindo Teixeira Martins, solteiro, jornalista, de 15 anos de idade, natural e residente no lugar e freguesia de Folhadela, deste concelho, o ciclista que, no passado dia 14, atropelou o sr. dr. Augusto Cardoso, de 56 anos de idade, natural de Lamego e professor do Liceu de Vila Real. O Arlindo confessou que o desastre se deu quando seguia de bicicleta pela Avenida Lucena e lhe apareceu pela frente uma camioneta de passageiros; ao pretender desviar-se dela foi de encontro ao dr. Cardoso, prostrando-o no solo. O Arlindo esclareceu que, após o acidente, se pôs em fuga, por ter sido instigado por Firmino Claudino, casado, industrial, de 35 anos, residente na Rua das Hortas. O estado de saúde do dr. Augusto Cardoso, que se encontra internado no Hospital da Misericórdia desta cidade, continua satisfatório.

CASA DA IMPRENSA

Os jornalistas em serviço de reportagem na Índia portuguesa, Eduardo Soares, Mário Pires e Jorge Simões, dirigiram a Casa da Imprensa um telegrama, datado de Goa, com expressões do mais vivo agradecimento pelas saudações que aquela instituição de jornalistas lhes dirigiu, por telegrama, através do sr. governador-geral do Estado da Índia, na véspera de 15 de Agosto, classificando essas saudações de «prova magnífica de camaradagem».

CAMPO DE FÉRIAS

de «A Voz do Operário»

Partiu, hoje, para Canaças mais um turno de crianças das escolas da benemérita Sociedade de A Voz do Operário, onde vão estagar durante um período de quinze dias. A partida assistiram, além de membros dos corpos gerentes e associados da benemérita instituição, vários familiares das crianças que constituem aquele turno.

A primeira vítima do Diabo

HÓQUEI EM PATINS

Vitória normal do Benfica sobre o Futebol Benfica (7-1)

O Oeiras derrotou o Vila Franca por 9-1

A caminho do fim, com três ou quatro jogos para realizar, as equipas começam a acomodar-se nos seus lugares. E, ao fim e ao cabo, cada qual toma assento onde costuma, parecendo apenas que se fez mais uma edição, talvez revista superficialmente, da «obra» destes últimos anos.

As questões fundamentais da prova — o primeiro e o último lugar — estão resolvidos. E até o escalonamento, por grupos de valores, está já assente. Haverá apenas uns ligeiros retoques, a fazer nas jornadas que se seguem, mas nada indica que haja revisão ou alteração do que neste momento se esboça.

O Benfica, com seis pontos de avanço sobre o segundo classificado, está eleito e merece o título.

O grupo Sintra-Paço de Arcos-Campo de Ourique deve ainda sofrer umas ligeiras modificações, mas não chegará a colidir com os que se seguem.

Da mesma maneira, o trio C. U. F.-Futebol Benfica-Mundet vai ainda arrumar-se melhor entre si.

Cascais e Oeiras, libertos da sombra do último posto, só podem ficar onde estão: e o Vila Franca vai-se despedindo do convívio dos maiores, onde não chegou a aquecer o lugar.

Benfica, 7—Futebol Benfica, 1

Sob a arbitragem de José de Abreu, as equipas alinharam:

BENFICA — Barata, Lopes, Cruzeiro, Lisboa, Perdigão e Camarate.

FUTEBOL BENFICA — Ferreira, Carlos Alberto, Rogério, Sales e João Francisco.

Esta foi uma daquelas partidas que, após os primeiros lances, mostram logo como se irá passar o resto do tempo.

O Benfica, beneficiando dum penalti nos segundos iniciais do jogo, não o transformou; mas a toada de ataque manteve-se e, mesmo à base de insistências pessoais, pondo de parte o poder das suas combinações, os «encarnados» fizeram pender o jogo sistematicamente, sobre a baliza de José Ferreira.

Por seu lado, o Futebol Benfica evidenciava o fraco poder de penetração dos avançados, raramente conseguindo furar através da barreira Lopes-Cruzeiro. A bola, quase sempre recebida junto às tabelas, era dominada em «dribblings» turtos, sem qualquer utilidade, ou em passes para trás, a revelarem uma preocupação mais destruidora do que construtiva.

Contra este adversário, o Benfica não teve, como é de ver, qualquer dificuldade. E nem foi preciso atingir a craveira habitual. Sucedeu até que, após o primeiro golo, e em alguns períodos da segunda parte, os «encarnados» se entregaram à exibição pura, passando de uns para os outros, em lances vistosos, mas sem qualquer utilidade ou dificuldade.

Nem mesmo o 2-1 animou os vencidos. Apenas o médio Rogério, em insistências individuais, procurou responder melhor: porém, com o ataque a não dar seguimento aos lances, era impossível a reacção. A circunstância do Benfica ter começado a abusar dos «bonitos» sem, no entanto, marcar golos, levou à substituição de Lisboa por Camarate. A en-

O Juventude de Évora

confia que o Município

poupe o seu campo de jogos

EVORA, 18—Proseguiram os trabalhos da assembleia geral extraordinária do Juventude de Évora.

Deu-se conhecimento à massa associada de que a direcção do clube fez entrega de uma exposição fundamentada na Câmara Municipal, na qual se pede que, na revisão a fazer ao antepiano de urbanização da cidade, se poupe o campo de jogos «Sanches de Miranda», pois o facto é fácil de remediar sem prejuízo da urbanização que se projecta fazer no respectivo local. Por se confiar na cooperação do Município, far-se-ão pequenas obras de melhoramento naquele parque de jogos—disse o presidente da mesa—que depois anunciou ter o clube recebido já a oferta de 30 sócios que se prontificaram custear a mão-de-obra e os respectivos materiais.

Finalmente, esclareceu-se a razão por que o Juventude havia resolvido dispensar os jogadores Camacho (Espanhol), Gonçalves, Vieira e Forneri (Argentino). Tal deliberação filiou-se apenas em motivos de ordem económica, sabido como é que o clube vive actualmente em regime de compressão de despesas. A encerrar os trabalhos, a mesa declarou «continuar em curso» as negociações referentes à saída do angolano Pedro Gomes, para a Cuf, do Barreiro, as quais «estão agora em plano de muita viabilidade».

trada do sexto jogador foi feliz porque, minutos depois, ele foi o autor de mais um ponto, recargando com oportunidade e em corrida um remate de Perdigão.

Após o intervalo, logo nas primeiras jogadas uma «esticada» feita de longe ia batendo Barata que não deve ter acompanhado o lance.

O Futebol Benfica começou então a usar, com regularidade, os remates de grandes distâncias, a ver se calhava... Mas não calhou mais.

Cerca dos cinco minutos, apareceu o 4-1, no seguimento duma descida rápida de Lisboa a Perdigão, e, dois minutos volvidos, Perdigão aumentou a conta para 5-1. Se até aqui a disposição das duas equipas estava tomada — uma sabendo bem que ganhava, outra sentindo claramente que «tinha» de perder — o resto do tempo foi ainda mais revelador dessas intenções. O Benfica deixou-se de preocupações defensivas e começou a jogar aberto. Por via disso os contra-ataques dos vencidos tiveram mais campo de acção, e deles nasceu um penalti que, mesmo repetido, Barata defendeu.

Mais dois golos para os «encarnados» e outra grande penalidade que Cruzeiro atirou à figura, — e estava acabado este jogo que não enganou ninguém, pois foi sempre igual desde os primeiros momentos. Um triunfo desprocurado de quem já é campeão, mas tem ainda de cumprir o calendário.

Em «reservas», verificou-se o mesmo resultado (7-1) das equipas principais, e em 2.ª categorias ganhou o Futebol Benfica por 5-4.

Oeiras, 9 — Vila Franca, 1

O Sporting de Oeiras livrou-se, de modo claro, do perigo do último lugar. 9-1 é marca que não deixa lugar a dúvidas, quando se consegue, como foi o caso de ontem, em condições normais. Os vencedores, pondo na luta todo o entusiasmo e com os avançados em noite inspirada, bateram sem apelo, na partida que podia considerar-se decisiva para o último lugar, os seus adversários mais directos. Agora, a não surgir qualquer desses imponderáveis do jogo, a questão ficou arrumada.

A inauguração do rinque da Praia das Maças

Os jornalistas que ontem se deslocaram a Sintra, a convite da Comissão Organizadora das Festas a Nossa Senhora do Cabo Espichel—que ali começaram no sábado—assistiram, à tarde, à inauguração do excelente Rinque Municipal, de Patinagem da Praia das Maças, com lotação para 2.000 pessoas.

Realizou-se, primeiro, um encontro de hóquei em patins, entre as reservas do Sintra e do Paço de Arcos, que terminou por um empate 2-2, sendo os pontos marcados por Assa-deu e Norberto. Depois do prolongamento, continuava o empate, mas o Paço de Arcos ganhou a «Taça Camara Municipal de Sintra», por ter feito menos uma defesa que o Sintra.

O jogo foi arbitrado pelo antigo guarda-redes internacional de futebol Arthur Dyson que também dirigiu o das categorias de honra dos dois excelentes grupos. Estes alinharam assim: Sintra: Magalhães, Raio, Edgar, Velés e José Pires.

Paço de Arcos: Vilaverde, Escudeiro, Vasco Paulo, Correia dos Santos e Moreira.

Velés marcou duas bolas e José Pires, uma; e Correia dos Santos fez os três tentos do Paço de Arcos. Chegados ao fim empacados, houve um prolongamento, que o Sintra ganhou por menos uma defesa, recebendo, assim, a «Taça Praia das Maças».

Ambo os desafios foram jogados com muito entusiasmo e emoção, principalmente durante os prolongamentos.

No intervalo, exibiu-se, com grande êxito, em belo, numeros de patinagem artística, Maria Antónia de Vasconcelos, do Sporting Clube de Portugal, «Rainha do Patim de 1954», a quem o presidente da Camara Municipal de Sintra ofereceu um objecto de arte.

Seguiu-se um jantar no «Restaurante Atlântico», durante o qual falaram os srs. dr. Velés de Lima, pela Liga para Melhoramentos na Praia das Maças; António Raio, por todos os hoqueístas presentes; dr. César Henrique Moreira Baptista, presidente da Camara Municipal de Sintra—que manifestou a esperança de que o novo rinque será mais um viveiro para a formação de desportistas que continuem a honrar Portugal na modalidade do hóquei; e dr. Mário de Gusmão Madeira, governador civil de Lisboa e grande apaixonado da região, que terminou o seu discurso salientando o verdadeiro espírito desportivo dos jornalistas portugueses. Entre outras pessoas, encontravam-se na mesa de honra os srs. capitão Américo dos Santos, vice-presidente da Camara; José Maria Tavares e Ruy Cunha, vereadores; tenente Vaz, comandante da G. N. R.; Eusébio Delisle, presidente da Liga para Melhoramentos local; e a «Rainha do Patim».

O movimento de aquistas nas Caldas da Felgueira

CALDAS DA FELGUEIRA, 18.—A distribuição de condões naturais pelo Mundo foi, na verdade, bem pródiga com este rincão marginal do Mondego. E' que, além de dotado de encantos paisagísticos, verdadeiramente empolgantes, quis que no seu subsolo fluísse um veio de termas que é, por dom exuberante da Natureza, um rio de saúde. Assim, as Caldas da Felgueira proporcionam aos veraneantes e turistas o prazer duma região pitoresca e aos doentes a providência dos mais acentuados lenitivos, pela sua eficiente crenoterapia. Como mansão de saúde, antiga de muitos séculos, têm vindo a exalçar-la os mais consagrados lumináres da Medicina portuguesa—desde Manuel Bento de Sousa, Moreira Junior e Sousa Martins até Pulido Valente, Bissau Barreto e Fernando Fonseca. Não há temporada termal em que confirmando os honrosos atestados de tais sumidades, não se registem na Felgueira admiráveis curas ou suavizadoras melhoras em bastantes casos de bronquite, asma, fadiga do coração, tensão arterial alterada, reumatismo, afeções granuladas do aparelho respiratório, flebite e diversas doenças da pele—em clínica proficientemente ministrada pelo sr. dr. Aurélio Gonçalves, director do Estabelecimento Hidroterápico.

Depois, a estadia nas Caldas da Felgueira—que são servidas pela estação ferroviária de Canas-Felgueira (Beira Alta)—oferece a todos aqueles que se hospedem no Grande Hotel Club a mais grata satisfação, tal é a sua categoria hoteleira. Este ano, pelo referido hotel, têm passado já muitas centenas de veraneantes e aquistas. Presentemente, encontram-se ali duzentos e cinquenta hóspedes de entre os quais notamos os seguintes nomes:

Engenheiro Gustavo Cabral, António Espírito Santo, Eufemia Boa-Alma e filho, Mário Braga e esposa, dr. Jacinto Simões e esposa, Augusto Moita e família, Manuel de Oliveira Dias e esposa, Piedade Moreira Rato, Américo Corte Real e família, Vitor Castanheira e esposa, Horácio Ribeiro e família, Emília Neto, António Monteiro, Domingos Fernandes, Guião e esposa, Maria José Castelhão e filhos, engenheiro Tavares Cardoso, Isabel do Amaral, Manuel de Sousa Godinho, Alvaro de Abreu e esposa, dr. Largo Junior, José Teixeira Gonçalves e esposa, António de Sousa Loureiro, Jacinto Guerreiro, Alexandre Lopes Daniel e família, José Rodrigues Fontes e esposa, Joaquim Torres e família, engenheiro Pinto da Silva e família, dr. Ary dos Santos e esposa, Ema Lopes Monteiro, dr. Sousa Martins e esposa, dr. Ramon de la Faria, Hermínio Mendonça e família, Mário Mendes de Oliveira e esposa, dr. António Fernandes e esposa, Eduardo de Azevedo, Joaquim Araújo e esposa, Fernando Godinho e família, Eduardo Augusto Morais, Laura Chaves, Fernanda Correia, Jorge Nolasco Tota e família, condessa da Ervideira, Maria da Conceição Rosalís e filhos, Jaime Alves e esposa, Carlos Cardoso Machado e esposa, Francisco Sousa Pinheiro e esposa, Manuel de Sousa Gomes, Manuel Marques Vieira de Castro, Ernesto Peixoto, Constantino de Barros e esposa, dr. Raposo Martins, José António Pereira de Matos e esposa, Augusto Lopes da Silva e família, engenheiro António Elias e esposa, Avelino de Sousa Lopes e esposa, Ernesto Vasques e família, António Pereira Areias e esposa, engenheiro Luís Antunes e família, Manuel Ferreira de Freitas e família, Armando Contry e família, J. Paupério e família, dr. Abílio de Moura e família, Cecílio Franco, Gonçalves Pereira e família, rev. Bartolomeu Martins, Deolinda Sales e família e António Santos Brásio e família.

Assistência social

no distrito de Braga

BRAGA, 19 — Num almoço, para o qual convidou as autoridades, na sua residência da freguesia de Ruilhe, o rev. padre David de Oliveira Martins organizador dos conhecidos sorteios de Aveleda, ofereceu ao sr. António Santos da Cunha, presidente da Camara Municipal, uma moradia a construir no «Património dos Pobres»: ao vigário-geral da arquidiocese, que é também o presidente da Confraria do Sameiro, ofereceu o automóvel que, no sorteio ultimamente realizado, era designado por carro do Ano Mariano e cujo bilhete não obteve comprador. Este carro destina-se ao serviço do santuário do Sameiro. Ao sr. ministro do Interior, representado pelo governador civil, ofereceu, também, um automóvel, para ser entregue à família mais pobre e numerosa do País, segundo o critério dos serviços da Assistência.

Todas estas entidades agradeceram, pondo em relevo a bela obra de assistência social que este sacerdote vem realizando. No bairro de casas para pobres que está a construir naquela freguesia, trabalham, presentemente, cerca de 150 operários.



A riqueza do País cresceu e as finanças públicas melhoraram

—acentua o relatório das Contas Públicas

(Continuação da 1.ª página)

capacidade de compra em realização no plano dos bens e serviços necessários à vida dentro da comunidade nacional;

4.º Poupança ou repressão do poder comprador em expectativa ou aguardando ulteriores aplicações e conservado líquido pelo entesouramento;

5.º Investimentos de meios financeiros em aplicações produtivas e, portanto susceptíveis de gerar novos rendimentos;

6.º Desenvolvimento ultramarino, ou seja caudal de riqueza nova ou complementar, apresentado pelos territórios de além-mar, que, embora correspondente ao número anterior, implicam, mercedemente, uma referência especial.

A ampliação da riqueza

Ocupando-se da estrutura e ampliação da riqueza nacional, o relatório trata, sucessivamente, do rendimento nacional não corrigido, do emprego e desemprego, do consumo, da poupança, dos investimentos do sector público e do desenvolvimento ultramarino, encontrando-se em cada uma destas rubricas pormenores muito valiosos, tanto pelo conceito como pela informação que neles se contém.

Algumas delas, em frases desarticuladas: o rendimento nacional, global não corrigido, aumentou, relativamente a 1952, de 1.500 milhões de contos (3,5 por cento)... assim, entre nós, durante o ano de 1953, houve melhoria e não houve pausa nem compressão; vistas as coisas em globo e através do rendimento do País, houve, pois, progresso que um método mais nítido, de captar a realidade podia talvez acrescentar; o desenvolvimento do emprego remunerado prosseguiu através da captação dos recursos naturais, da especialização industrial e de adicionais tarefas apresentadas à comunidade portuguesa; há entre nós, não pode negar-se, subemprego agrícola e «chômage» estacionário.

PEQUENAS NOTÍCIAS

Evasão de um recluso

Evadiu-se da Cadeia de Monsanto, onde se encontrava em cumprimento de pena de prisão maior, pelo crime de furto, o recluso Mariano Damaso Afonso, de 20 anos, solteiro, empregado no comércio, natural da freguesia de Caria, concelho de Belmonte.

CONFERÊNCIAS

Realiza-se amanhã, pelas 18 horas, na Colónia de Férias «Um lugar ao Sol», na Caparica, a segunda de uma série de conferências de divulgação cultural e doutrina corporativa organizada pela F. N. A. T., em que o poeta Miguel Trigueiros versará o tema «O Desporto e o Espírito — Alegria no Trabalho e a Educação Física».

MAQUINA FOTOGRAFICA PERDIDA

Os passageiros de um taxi que ontem foi do Largo de Santos-o-Novo à estação do Rossio deixaram ficar, por esquecimento, no carro, uma máquina fotográfica. Agradece-se ao motorista do taxi que entregue a máquina no nosso jornal.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Realiza-se hoje, a partir das 22 horas, na sede do Lisboa Clube Rio de Janeiro, uma festa dedicada aos sócios e suas famílias, abrihantada por um grupo musical.

REUNIÃO PLENÁRIA

das escolas de enfermagem

COIMBRA, 19—No Hospital da Universidade prosseguem as sessões plenárias das escolas de enfermagem dependentes do Ministério do Interior, que começaram ontem sob a presidência do sr. dr. Agostinho Pires, director-geral da Assistência, para aprovar as alterações a introduzir nos programas do curso auxiliar e geral de enfermagem. As alterações a este ultimo foram hoje aprovadas, sendo relator o sr. dr. Caria Mendes, delegado da Missão Franciscana das Irmãs de Maria, de Lisboa.

MORTO NA ESTRADA

por uma camioneta de carga

VILA FRANCA DE XIRA, 19 (Pelo telefone)—Junto ao portão da Fábrica Recil, entre Alhandra e Alverca, às 8 horas da manhã de hoje, uma camioneta colheu mortalmente o operário da mesma fábrica Paulino Ribeiro, de 49 anos, casado, natural de Alverca e residente em Vila Franca de Xira. O cadáver foi removido para o Hospital de Alverca e será transportado esta tarde para Vila Franca, onde se fará amanhã o funeral.

SABUGA
ÁGUA DE SINTRA

LEIAM O «SEMPRE FIXE»

nal prolongado, que revela uma percentagem digna de nota da mão-de-obra total...

E aqui o relatório interpreta o fenómeno: «O homem do campo não dispõe de tarefa por todos os dias, tirando os pequenos agricultores ou os lavradores independentes, que cultivam por si e que acumulam a sua qualidade de assalariado com a de explorador agrícola, e outros em situação aproximada. Mas o baixo teor das remunerações está reclamando ocupação permanente, para que, por esse lado, ao menos, possa levantar-se o nível de compra da grande massa dos que cultivam a terra.

Não sabemos, ao certo, nesta ordem de ideias a extensão dessa subocupação. Entre nós, em todo o caso pelos órgãos especiais, como o Comissariado do Desemprego, e pelos organismos interessados, como as Casas do Povo, conhecemos alguns meios de luta oficiais contra o fenómeno.

Obedecendo à ideia de solidariedade portuguesa, cedendo ao princípio superior de equilíbrio por si próprio e realizado fins de economia e desenvolvimento geral, muitos dos que ganham são chamados a contribuir, indirectamente, para o alargamento das possibilidades de trabalho e para que sejam fornecidas novas ocupações válidas; isto sem deixar de referir as melhorias visíveis que tem sido possível obter do trabalho na sua produtividade.

Os parágrafos referentes aos meios de luta contra o flagelo do subemprego contém elementos de estudo muito valiosos.

Depois, retomando a ordem acima apontada, merecem ainda destacar-se alguns fragmentos: de 1952 para este ano das contas, o País ganhou mais, gastou mais e consumiu naturalmente mais; subiu algo o poder de consumo, que apresenta indicadores preciosos, no esquema fundamental da alimentação, do traje e do alojamento.

O equilíbrio fundamental

«Para além do que se esperava, o princípio do equilíbrio tradicional, constante das previsões orçamentais estabelecidas para o ano de 1953, acentuou-se ainda.

Não só a gerência revelou um nívelamento seguro, como os resultados apurados, e agora expressos, atestam a solidez dominante que permitiu acudir, reforçar, fazer frente a inesperadas e novas despesas e colher, no fim do ano, um resultado positivo e apreciável, como adiante se vê.

Obedeceu-se, uma vez mais, à tradição saudável implantada pela Renovação, seguiu-se com esmero habitual o princípio constitucional da cobertura das despesas totais, permaneceu-se sempre muito distanciado ou, melhor, a coberto dos factores de perturbação e obteve-se, não sem esforço, um excedente apreciável e efectivo, no fim da gerência.

Em dois capítulos sucessivos ocupa-se o relatório das receitas ordinárias e das despesas ordinárias. Em relação a estas, escreve-se que se manteve «a linha de orientação já expressa nos anos anteriores—moderação no recurso aos tributos directos, peso pouco sensível dos impostos indirectos, justiça simples, comodidade, desligação dos efeitos puramente conjunturais e flexibilidade apreciável do sistema, concebido como um todo e realizado com igual autoridade».

Em relação às ultimas considera-se a divergência doutrinal de posições em geral reveladas, por seu lado, nos sectores comerciais e industriais e, por outro, nos meios políticos: naqueles, aspira-se à limitação das despesas publicas, para obter a consequência de menores impostos e regulamentações; nestes ultimos, entende-se, em contrario, haver ainda inadequação do volume total das despesas publicas ao desenvolvimento do País.

Despesas extraordinárias e sua cobertura, dívida publica, circulação fiduciária, comércio bancário, cunhagem e emissão de moeda metálica constituem os títulos seguintes.

Comércio internacional

Parte importante do relatório, que vai visar-se com destaque, é a que se refere ao nosso comércio externo. Acentua-se que, durante o ano de 1953, ele foi particularmente influenciado pelos seguintes factores:

a) Posição credora na União Europeia de Pagamentos;

b) Ano agrícola, favorável no seu conjunto;

c) Persistência de algumas causas de afrouxamento das trocas comerciais com o Brasil;

d) Termo do periodo de reajustamento de economia mundial.

«A posição credora de Portugal na União Europeia de Pagamentos (acentua-se no documento) sofreu, no ano em referência, uma nova redução de 10,3 milhões de unidades de conta, ou seja cerca de um terço da registada em 1952.

Embora menos avultado, o crédito sobre aquele organismo regional de compensação continuou, pelas possibilidades de liquidação que oferece, a condicionar largamente a orientação das nossas correntes comerciais.

Dentro da política de «bons credores», manteve-se em nível elevado a liberação das trocas, mas a falta de reciprocidade por parte de alguns países, por sinal mercados de posição relevante na nossa exportação, criou certas dificuldades e teve, por vezes, reflexos na negociação dos respectivos acordos.

O resultado do ano agrícola repercutiu-se, do ponto de vista do comércio externo, e em primeira aproximação, sobre a importação e a exportação. Nesta, porque, em face da natureza das principais mercadorias que a compõem, as possibilidades da oferta nos mercados externos dependem, em grande parte, do volume de determinadas colheitas. Na importação, porque ela é um meio de suprir as insuficiências a curto prazo da produção agrícola indígena, designadamente de cereais panificáveis, destinados à cobertura de necessidades inelásticas.

A participação global da agricultura no produto nacional bruto teve, em 1953, um acréscimo de cerca de milhão e meio de contos, relativamente ao ano anterior.

O caso particular do Brasil

No que respeita ao Brasil, o problema das relações comerciais continuou a atrair de modo especial a atenção do Governo, que, perante os elementos que foi possível reunir, promoveu o seguinte: no plano dos pagamentos, adiantamento, pelo Banco de Portugal, de 75 por cento do valor em dívida aos exportadores portugueses; no plano comercial, compra de produtos brasileiros cuja liquidação pudesse contribuir para reabsorver o excesso sobre a margem de crédito estabelecida no Acordo.

As condições em que se executou a primeira daquelas providências constam da nota oficial do Ministério das Finanças de 30 de Maio de 1953, e, no seu ultimo relatório, o banco emissor informou encontrar-se reembolsado da importância total da antecipação (cerca de 119 mil contos).

Quanto à importação das mercadorias, dados os seus preços e qualidades, houve que aplicar-lhes um regime especial (Decreto-Lei n.º 39 244 e 39 400), com isenção total de direitos para o algodão (cerca de 3 milhares de toneladas) e café, com redução para o açúcar (52,5 milhares de toneladas), o que não terá dispensado, «mesmo assim, outras compensações».

Conseguiu-se, é certo, com estas medidas provocar o desequilíbrio da balança comercial, de que resultou a possibilidade de se pagarem as ordens em suspenso e de se abrir nova margem de crédito, dentro dos limites previstos no Acordo.

Um dos méritos das soluções ensaiadas, e não terá sido o menos importante, foi, sem dúvida, a sua oportunidade.

Mas é forçoso reconhecer que o problema tem raízes mais profundas, as quais tocam a própria estrutura económica do ultramar português, e que, por outro lado, a balança dos serviços tende, pelo natural desenvolvimento da economia de ambos os países, para novas posições que não de afectar a mecânica dos respectivos pagamentos. Assim, não parece que possa desprender-se destas considerações o estudo da evolução futura das relações mercantis com o país irmão, sem prejuízo, evidentemente, da eventual correcção das variações conjunturais que se mostrem convenientes no domínio da produção, da moeda ou ainda dos interesses não puramente materiais da colónia portuguesa no Brasil.

A pressão da conjuntura externa fez-se sentir, como é natural, sem que, todavia, os reflexos se tivessem afastado da tendência de economia de transição que se tem processado no domínio internacional nos ultimos tempos e parece ter atingido a sua fase final».

Balança de pagamentos

As perspectivas futuras em matéria de pagamentos...

mentos, escreve-se no relatório, estão dominadas pela ideia da convertibilidade, que conheceu progressos durante o ano de 1953. E concretiza-se:

«Por um lado, restabeleceram-se as operações de arbitragem entre nove praças da Europa Ocidental (Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Noruega, França, Inglaterra, Holanda, Suécia e Suíça); por outro, surgiu no seio da União Europeia de Pagamentos uma corrente que, considerando ultrapassada a fase da transferibilidade, defende a necessidade de novo passo em direcção a um sistema de pagamentos multilateral mais amplo, mesmo que tal venha a exigir a supressão do actual esquema de compensação».

Não se ignora, por certo, que ao funcionamento deste ultimo se têm deparado dificuldades: umas, provenientes da utilização dos créditos da U. E. P., por natureza a curto prazo, em financiamento de investimentos que, normalmente, deveria ser feito através do mercado de capitais; outras, derivadas da permanência das posições credoras e devedoras.

Pensa-se, porém, que estas dificuldades não justificariam, só por si, a liquidação da U. E. P. e que, muito pelo contrario, não estando, como parece, criadas ainda as condições indispensáveis ao restabelecimento duradouro da convertibilidade—política de rigoroso equilíbrio financeiro, nível suficiente de reservas cambiais, grau satisfatório de liberação das trocas e das transacções invisíveis—aquele organismo poderia constituir um instrumento eficaz na consecução, que teria de ser, portanto, gradual, do referido objectivo da política cambial.

Para isso não-de-importar-se, necessariamente, alterações às regras do seu funcionamento, de modo que este possa ajustar-se melhor aos novos dados conjunturais.

O que não se compreenderia era que o restabelecimento, por prematuro, do princípio da convertibilidade das moedas fosse obtido a custa duma regressão no movimento da liberação das trocas e das transacções invisíveis».

Institutos de crédito

Refere-se, depois, a actividade do Fundo de Fomento Nacional e da Caixa Nacional de Crédito. O primeiro daqueles institutos utiliza os seguintes meios, provenientes de várias fontes:

a) Auxílios Marshall a Portugal, compreendendo tanto os empréstimos como as liberalidades;

b) Capitais resultantes de promissórias do fomento nacional, cujo limite de emissão vai até 500.000 contos;

c) Adiantamentos do Estado, imprópriamente designados como subsídios;

d) Rendimentos de operações activas.

Por estes fundos «foram beneficiados vários sectores considerados da actividade nacional, tanto na metrópole como no ultramar, no sentido do seu desenvolvimento». E acrescenta o documento a que nos estamos reportando:

«Notar-se-á o louvável predomínio da produção da energia hídrica e da sua distribuição pelo País, a larga escala utilizada ao acudir à política de comunicações terrestres e marítimas, de morosa restituição e a posição aviltada dos serviços publicos com as suas obras de hidráulica, melhoramentos agrícolas, urbanização e engenharia civil, escolas do ensino técnico, serviços geológicos, meteorologia, aeródromos, defesa nacional, etc., sem esquecer o desenvolvimento das indústrias químicas, alimentares, especialmente da pesca, mineiras, siderurgicas, têxteis e outras».

Em relação à Caixa Geral de Crédito é a Caixa Geral de Depósitos a principal fonte de recursos: cerca de 86 por cento dos capitais envolvidos nas suas operações provém desta origem.

A distribuição dos respectivos recursos mostra que «em plena industrialização, os saldos devedores parecem descer discretamente no meio do clima geral de investimento, embora aquele primeiro grande órgão, o Fundo de Fomento Nacional, tenha vindo a trabalhar no mesmo terreno e a desviar para si certamente uma parte da procura global das operações de financiamento».

Algumas conclusões

No fecho do importante relatório, o sr. ministro das Finanças resume algumas conclusões, das quais importa destacar:

«Estes trabalhos acabam numa hora sombria mas corajosamente enfrentada, quer nas responsabilidades, quer nos acaes».

Estamos preparados para assumir os custos do esforço que for requerido, tanto financeira como materialmente».

A percentagem das despesas de defesa e os meios empregados neste capítulo conservam margem suficiente sem recorrer ainda a adicionais sacrificios.

Mas não são apenas os soldados que têm deveres a cumprir nem os homens publicos os unicos a tomar responsabilidades, e que não-de mostrar-se em plena e consciente tranquilidade.

Aos condutores da vida dos negócios, os elementos activos do empreendimento, da industria e do comércio também não faltam deveres, na hora presente, mormente quando se lhes pede menos do que seria licito esperar».

À VENDA NAS LIVRARIAS

MANUAL PRÁTICO DA PREVIDÊNCIA

por ANTUNES DE PAIVA

UTILÍSSIMO AOS CONCORRENTES ÀS CAIXAS, CLASSES PATRONAIS, ORGANISMOS CORPORATIVOS, ETC.

PREÇO ESC. 25\$00

Livraria Popular de Francisco Franco

Rua Barros Queirós, 18 — LISBOA

SABUGA
ÁGUA DE SINTRA

Passeio pelo século XIX

Por Donatello Grieco

HAVANA, Agosto—Ao sol forte, na grande recta de Azeitão, com o desembarque de um encenador em seus domínios, Augusto da Costa levantou a mão e indicou um casebre á esquerda:

—Aquele é a casa da Maria Adiga! Vinhamos de Cacilhas, depois de uma fumarenta caldeirada, dispostos a seguir o itinerário dos romances de Augusto. A partir de Almada, todos os lugares foram sendo apontados pelo romancista; de Azeitão seguimos pela direita, até Oleiros, onde espíam pelas janelas fethadas para dentro da mansão vetusta, ladeada por um trigal verde, orlada de velhíssimas pedras.

E fomos por ali á fora, dando á cada outeiro o seu nome, pondo em cada casa o personagem importante da «Aldeia Rica» ou da «Senhora Menina», repousando os olhos no Casal do Bispo sempre adormecido, ou na Baía de Palmela com o casario longínquo e sua impressão de inacessibilidade. E de Setúbal voltámos pela estrada nova, entre oliveiras centenárias, pela Bacalhoa e a Quinta das Torres. Apesar de estarmos em plena mês de Março de 1952, sobre uma veloz máquina movida á gasolina, fomos sendo pouco á pouco envolvidos pela multidão dos tipos do romancista, duques, frades, pescadores, viúvas suspirosas—e á cada momento parecia-nos que ia sair de detrás de um moinho arruinado um magote de «jinós»...

Na mansão de Oleiros foi recomposta em todos os seus detalhes a resistência de Francisco António, legítimo herói de «underground», gritando desafios para o terrado fronteiro, «perdido por dez, perdido por cem», liquidando Franceses que se arriscassem á avançar peito á descoberto, enquanto os outros, tímidos, faziam tranqueira no adro de São Sebastião. Na sua placidez inalterável, fala vagarosa e pausada, o romancista trazia todos os personagens á tona como se o século XIX estivesse ali em derredor de nós e movimentava-os sem que se notasse o intervalo de cento e cinquenta anos e sem que transparecesse, de leve sequer, qualquer artifício literário.

Meses depois dessa reconstrução topográfica, Augusto da Costa mostrou-me em sua casa, no seu altíssimo quarto andar da Rua Marquês de Tomar, todo o arcabouço da sua imensa «crónica do século XIX», a genealogia das figuras nobres e plebeias, o registro civil e o ficheiro judiciário, os acontecimentos da vida de cada qual através das narrativas sucessivas, e até mesmo «peças de convicção» que estariam bem em qualquer processo forense, como o Diário Náutico do patacho «Andorinha», sobre o qual trilhara um delicioso episódio precamilliano.

Vi, então, quanto mergulhara a fundo o escritor na essência da sociedade que pintava, como vivia ele também a vida de todos os seus tipos, como imaginava para as suas Marias e Violantes os casamentos, o convento, os gestos de orgulho e os dramas do desespero...

Relendo, agora, largos trechos dos romances de Augusto da Costa e revivendo o nosso passeio em 1952 pelas aldeias de Azeitão e pela primeira década do século passado, não posso deixar de emocionar-me ao pensar na crónica inacabada e no mundo interrompido que ficou em originais manuscritos na mesa do narrador. Fotografados em seu ambiente próprio, recolhidos da vida com todos os seus traços de carácter, esses duques, pescadores, frades, marinheiros, viúvas e «jinós» sobrevivem ao romancista e ao entreccho de seus livros e se recordam de corpo inteiro sobre o cenário de uma época. E é á sobrevivência desses personagens que representa, para nós, leitores e amigos de Augusto da Costa, um diminuto consolo para o grande desgosto que nos trouxe o seu desaparecimento. O mundo que ele criou nada sofrerá das contingências humanas e perdurará nas letras de Portugal como um belo e nobre exemplo de arte e de vida.

SESSÃO DA CÂMARA

As faltas de corrente e a odisseia da travessia dos automóveis no Tejo

Sob a presidência do sr. Luís Pastor de Macedo, vice-presidente, realizou-se hoje a reunião pública mensal da Câmara Municipal de Lisboa, com a presença de sete vereadores e de diversos directores de serviços.

As interrupções da corrente

O sr. Aníbal David pronunciou o seguinte discurso, versando um problema que muito interessa á toda a população:

«Consciente de interpretar o pensamento de grande parte da população da capital, e especialmente dos seus sectores que vivem mais ou menos dependentes do consumo de energia eléctrica, eu desejo consignar aqui o meu protesto, contra as constantes interrupções do seu normal fornecimento, quer para uso doméstico, quer industrial.

Essas interrupções, especialmente ás horas de ponto, em que estão em plena laboração, o seu comércio, indústria, espectáculos públicos, consultórios, etc., provocam graves perturbações e prejuízos na actividade profissional de muitos milhares de cidadãos, o que considero inadmissível, por se tratar de um serviço público, que por essa mesma razão, deve ter assegurado o seu normal e permanente funcionamento.

Tem a Nação despendido, nos últimos anos, verbas verdadeiramente astronómicas, para que a electricidade, base do progresso e da vida moderna, seja mais barata e o seu fornecimento se conte por centos de milhares de kilovoltios, num alargamento do fomento e riqueza nacionais, mas o que se verifica é que, além do seu preço, não ter até agora permitido á população, a sua adaptação ás suas necessidades privadas, nem sequer poderemos considerar as tarifas em vigor como benefício ao orçamento caseiro. Nos sectores á que acima me referi, temos á juntar, sim, as constantes interrupções no fornecimento da corrente eléctrica, que nalguns casos chegam á durar 2 horas, tal como aconteceu na semana passada. E ontem o caso repetiu-se, precisamente ás horas em que causa maiores perturbações.

Para os que não acompanham os altos e superiores problemas do fabrico e condução da energia eléctrica, e vemos modestamente a vida terrena, estas interrupções constantes, não são fáceis de compreender.

O que sabemos é que se não cumprimos á letra do contrato com a Companhia Concessionária, sofremos o corte de corrente, á qual pagando também só recebemos quando não falta.

Assim eu pergunto. Não seria natural que depois das extraordinárias despesas feitas pela Nação, com a construção da rede hidroeléctrica, tivéssemos ao menos á garantia da continuidade do fornecimento da corrente, indispensável á nossa vida quer profissional, quer particular?

Tem esta Câmara um contrato de concessão de fornecimento á cidade, feito com as Companhias Reunidas Gás e Electricidade, as quais embora admita não serem sempre as culpadas das interrupções verificadas, são juridicamente as responsáveis.

Peço, pois, á V. Ex.ª se digne transmitir ás concessionárias o protesto que consigno aqui em nome da cidade, para obviar de futuro os graves prejuízos que se verificam, sem que uma explicação ou palavras de justificação sejam transmitidas á população da capital».

A nova estação da Parceria

O sr. João Ortigão Ramos ocupou-se dum assunto á que o nosso jornal repetidas vezes se tem referido: as más consequências da transferência da estação da Parceria para o cais fronteiro ao Ministério das Finanças.

Afirmou que os receios que mostrara, em relação á essa transferência, foram, infelizmente, confirmados. O serviço de transporte de viaturas não só não melhorou, como piorou consideravelmente. É uma verdadeira odisseia atravessar o rio com o automóvel.

Ainda que o local, aparentemente, se preste á uma melhoria do serviço, o facto é que, devido á várias causas, que urge remediar á bem dos interesses da população, ele, não satisfaz, nem está de acordo com o mínimo exigível.

Na sua opinião, as causas principais deste estado de coisas são:

a) Cais que apenas permite á atracação dum barco, quando seriam necessários, pelo menos, dois, para as exigências do tráfego; e b) falta de ordem na arrumação das viaturas para embarque.

Verifica-se a mais completa desorganização na distribuição de fichas numeradas, indicativas de ordem de chegada e, consequentemente,

DINHEIRO
S/AUTOMÓVEIS EMPRESTAMOS
EM 2 HORAS—MÁXIMO SIGILO
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3—LISBOA
RUA SANTA CATARINA, 108—PORTO

do embarque. As séries estão incompletas, pelo que a numeração não é seguida, estabelecendo-se confusão, que causa aborrecimentos, atrasos e severas críticas á quem é forçado a utilizar os barcos da Parceria dos Vapores Lisboenses.

A venda de bilhetes efectuada por um cobrador volante, no local do estacionamento das viaturas que aguardam vez para embarque, simplificará em parte o problema e evitará o inconveniente do condutor ter de se apeçar para ir á bilheteira.

Não parece aconselhável o sistema de reserva de lugar para determinados barcos, por agravar singularmente á confusão no embarque das viaturas. Também é de lamentar que um passageiro que aguarda há duas ou mais horas que chegue á sua vez de embarcar, seja preterido por carros pertencentes á pessoas ou entidades que não têm, nem devem ter, direito á preferências.

O sr. João Ortigão Ramos disse que estes e outros alvites deveriam ser ponderados, na certeza de que urge remediar um serviço que, não dependendo directamente da Câmara, é do maior interesse para Lisboa e para a sua população.

Existe uma evidente falta de coordenação entre os vários serviços, e para remediar o caso propôs que se constitua uma comissão formada pelas seguintes entidades:

Câmara Municipal de Lisboa, Porto de Lisboa, Polícia de Transito e Parceria dos Vapores Lisboenses, que apresentaria, com urgência, um plano das modificações á introduzir no actual sistema que, está provado pela experiência, não atinge á finalidade que todos pretendem.

Edifícios escolares e material didáctico

O sr. Manuel Branco congratulou-se por no orçamento municipal, figurar uma verba de milhares de contos, para a construção de novos edifícios escolares e á aquisição, ou á substituição, do material didáctico respectivo, manifestando á esperança de que á presidência da Câmara continue á dedicar ao problema a maior atenção.

O estado do mercado do Rato

Referiu-se á situação dos mercados de Lisboa, especialmente ao do Rato, cujos comerciantes se queixam de que, principalmente devido ás péssimas instalações, e á falta de condições higiénicas, os rendimentos da sua actividade não comportam os pesados encargos resultantes do aluguer, das contribuições, etc. E pediu providências, para bem dos referidos comerciantes e das donas de casa.

O sr. Luís Pastor de Macedo prometeu apresentar as sugestões e as reclamações dos três vereadores ás entidades competentes, municipais ou não.

A próxima reunião pública será no dia 16 de Setembro.

As perspectivas da situação agrícola em todo o Mundo são animadoras

ROMA, 19 — O relatório da FAO (Organização da Alimentação e Agricultura da ONU), acerca da situação agrícola e alimentar do Mundo, assinala que o ano transacto é o segundo consecutivo em que o ritmo do aumento de produção ultrapassou o do aumento demográfico. No entanto, os progressos da produção estão distribuídos de maneira desigual, havendo países em que se acumulam grandes quantidades de produtos alimentares enquanto noutros o regime alimentar é precário. Os aumentos de produção mais importantes verificam-se na Europa ocidental e no Próximo Oriente, ao passo que os menores se registam no Extremo Oriente e na Oceania. Na América do Sul, o aumento de produção foi menor de que o demográfico.

Prevê-se que continuará o aumento de preço das matérias-primas de origem agrícola, e calcula-se que aumentem as produções de chá, café e cacau, mas á procura destes três produtos é tão grande que não é de prever nenhuma descida de preços. De maneira geral, as perspectivas da situação agrícola mundial são animadoras. — (F. P.).

«Itinerário Romântico»

Por falta de espaço, não publicamos hoje o artigo da série «Itinerário Romântico de Portugal», numero 4 da segunda jornada, «As Sempre Noivas».



Jogadores e dirigentes

Regressou

á «t

que foi recebida com

Algumas centenas de pessoas foram, esta tarde, ao aeroporto da Ponte a esperar á equipa de futebol do Sporting Clube de Portugal, que regressou da sua digressão pelas províncias ultramarinas de Moçambique e Angola.

Estão, também, presentes vários membros da direcção do Sporting, e doutros clubes desportivos de Lisboa, alguns jogadores de futebol e diversos dirigentes federativos.

Eram 13 e 45 quando á caravana desportiva desceu do avião que á conduzia e logo irromperam entusiásticas manifestações de simpatia por parte dos numerosos adeptos clubistas que se apinhavam nas varandas que dão para a pista.

Ainda junto do avião fizeram-se as primeiras fotografias e o dr. Gois Mota, presidente da direcção do Sporting, que acompanhou os jogadores, juntamente com o também dirigente daquele clube, sr. Queiroga Tavares, apressou-se á dar as suas impressões á Imprensa.

—A viagem do Sporting á África foi magnífica, sob todos os aspectos. Serviu para unir mais os desportistas de Angola e Moçambique aos da metrópole, concorrendo para um conhecimento mútuo de inefável valia. Sob o ponto de vista patriótico, a viagem constituiu, também, um valioso êxito. Em Angola sentiu-se ainda, á emoção causada pela recente visita do presidente da República; tanto ali, como em Moçambique assistimos á inúmeras manifestações de amor pátrio, provocadas pelos recentes acontecimentos na Índia.

Tiram-se mais fotografias e ouvem-se «vivas» ao Sporting. Os jogadores dirigem-se para o aeroporto, onde as famílias, ansiosas, os esperavam. Um deles mostra ao publico uma gigantesca taça, ganha em Luanda. Resultado: mais «vivas» e muitas palmas.

Junto dos jogadores, acarinado e respeitado por todos, o orientador técnico e nosso camarada de redacção, dr. Tavares da Silva, mostrou-se visivelmente satisfeito com os triunfos obtidos em África.

—Fomos excelentemente recebidos em todos os locais por onde passámos—diz-nos, com vivacidade—Esta digressão foi muito melhor á que qualquer um de nós poderia pensar. A própria equipa jogou, por vezes, de forma superior á que está habituada á atingir na metrópole. Deixámos magnífica impressão, que sob o ponto de vista futebolístico, quer de cavidade, pois todos os rapazes, dentro e fora dos terrenos de jogo, se comportaram com excelente correcção.

EM 3 LINHAS

Nos portos do arquipélago de Cabo Verde entraram, em 1952, 4.003 navios, dos quais 670 estrangeiros.

///

Fei de 10.188 contos o rendimento cobrado de Janeiro á Abril deste ano, pela circunscrição acuarária do Funchal—menos 189 c e o igual período de 1953.

///

A seu pedido, o sr. dr. António Augusto Pires foi exonerado de presidente da Câmara Municipal de Bragança.

///

Por acordo entre os Governos de Portugal e da Finlândia, foi abolida o diferencial de bandeira até agora aplicado aos navios finlandeses.

///

O adido militar norte-americano visita esta tarde á Liga dos Combatentes para entrega diversos objectos que ofereceu ao museu daquella instituição.



Sporting á saída do avião

le Africa

«quipe» do Sporting entusiasmo

Mais palmas e mais «vivas». Os jogadores recebem os primeiros abraços das famílias. Juca, que há 5 anos veio de Moçambique para o Sporting, afirma-nos ter ficado satisfeito por ter voltado a jogar na sua terra, ainda por cima com o título de campeão nacional.

—Qual foi o melhor jogo que vocês fizeram?

—Sem dúvida o do Transval.

Segundo cremos é essa a opinião de todos os jogadores. Travaços, capitão da equipa, distingue, também, o jogo que fizeram no Transval. E, acrescenta:

—Todos nós ficámos encantados com as manifestações de simpatia de que fomos alvo.

—Não trazem nenhum jogador ultramarino, para a próxima época?

—Não...

Tavares da Silva apressa-se a elucidar-nos: —Não convidámos nenhum jogador ultramarino a ingressar no Sporting. Tudo o que se disser em contrário é mero boato.

Mais palmas e mais «vivas». Cá fora, junto da porta principal do aeroporto, uma massa compacta de entusiastas reparte-se em duas filas, agitando bandeiras verde-brancas. Repetem-se as ovações. Cada componente da caravana é saudado com entusiasmo. O dr. Tavares da Silva é alvo duma significativa salva de palmas. O presidente da direcção do Sporting compartilha das ovações e recebe um ramo de flores, oferecido pela filial sportinguista da Venda Nova.

Logo á noite, no seu parque de jogos, os jogadores serão homenageados pelos sócios do clube, durante um festival de ciclismo que ali se realiza, a partir das 21 horas.

Grandes inundações

no Norte da Índia

NOVA DELHI, 19 — Milhares de quilómetros quadrados do Norte da Índia estão a ser assolados pelas maiores inundações de que há memória.

Satyanarayan Sinha, ministro dos Assuntos Parlamentares, qu regressou de uma visita ás áreas mais afectadas no Bihar, disse aos jornalistas que as inundações naquela área eram muito mais destruidoras do que o grande abalo de terra de 1934.

Milhares de aldeias encontram-se completamente submersas e centenas de pessoas sem lar vivem isoladas nos telhados, no topo das árvores ou em terrenos altos.

A rica colheita de milho no Norte do Bihar foi totalmente destruída. Cerca de 5 milhões de pessoas são afectadas pelas inundações. O ministro disse que o povo estava a comer cereais crus porque não tinha combustíveis. Como os poços se encontravam todos submersos, tinha de beber água lamacenta. O ministro acrescentou que receava epidemias. — (Reuter).

«PRÉMIO NOBEL» NO NACIONAL

Cem representações e trinta contos para cada autor Hollywood talvez se interesse...

Tem um vasto significado para o nosso meio cultural, o facto de hoje, pela centésima vez, subir á cena, no Nacional, a peça «Prémio Nobel», de Leitão de Barros, Fernando Santos e Almeida Amaral. E é tanto mais vasto este significado e altamente sintomático, se atendermos ao facto de que o pano subiu pela primeira vez já em pleno fim de época, prolongando-se as representações para dentro do Verão, num período em que, normalmente, as portas do nosso primeiro teatro estariam encerradas.

Incontestavelmente, esta insólita e notável circunstância deve-se a três factos fundamentais: em primeiro lugar, ao valor intrínseco da peça; depois, á iniciativa de Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro que a puseram em cena, contra todos os preconceitos e normas usuais; por fim, naturalmente, ao alto nível e homogeneidade da interpretação. E, isto, sem falar da compreensão do público que sucessivamente tem imposto a sua presença no cartaz.

Precisamente para assinalar este conjunto de circunstâncias (que deve ser motivo de regozijo para todos aqueles que no nosso meio amam o Teatro) procurámos hoje, em breve conversa telefónica ouvir os autores da peça.

Oitenta contos para os autores



Almeida Amaral

O primeiro a encontrarmos foi Almeida Amaral que, em boa disposição matinal, nos disse imediatamente, respondendo a uma nossa pergunta:

—Como nasceu a peça? Olhe, a ideia trouxe-a o Leitão de Barros esquematizada. Depois, com o Fernando Santos, desenvolvemo-la, em conjunto, até aparecer o «Prémio Nobel».

—A que atribuiu o seu êxito?

Do outro lado da linha há uma pequena—muito pequena—hesitação.

—O êxito?... Creio, sinceramente, que se deve ao facto da peça ter teatro... E á notável interpretação, também...—acrescentou.

—Isso, evidentemente, significa que o nosso público, afinal, gosta do bom Teatro, não lhe parece?

—Sem dúvida! E mais: vem provar uma vez por todas, desfazendo um equívoco velho que, afinal, o público do Teatro não procura o género dito «popular», mas que, bem conhecedor do que é uma obra séria, sabe encontrá-la, buscando uma inegável e profunda emoção espiritual.

—E, agora, diga-nos: a peça foi escrita já atendendo a um possível êxito comercial ou...?

Almeida Amaral atalha:

—Deixe-me dizer com toda a franqueza que sim. Creio que todos nós trabalhámos tendo em vista o interesse material... Mas, é claro, o interesse moral também foi grande. Para mim e para o Fernando Santos, particularmente—acrescentou.—Isto, porque, sendo nós profissionais, era a primeira vez que um nosso trabalho era levado á cena no Nacional:

—Agora—dissemos nós—vái-nos desculpar a indiscrição: diz-se, para aí, que a peça já lhes rendeu uma fortuna...

Almeida Amaral ri-se:

—Uma fortuna!? Mas, meu amigo, isso não passa de fantasia... de pura invenção!

Insistimos:

—Quer então desfazer os ditos da má língua?

—Bem... olhe... estas coisas são assim mesmo. A peça não nos foi paga á percentagem, mas por preço fixo. O Robles Monteiro gostou muito dela, queria levá-la mesmo fora de época e nós fizemos-lhe a vontade...

—Sim, mas afinal quanto receberam?

—Cerca de 75 a 80 contos para dividir pelos três. E é tudo. E olhe que noutras peças já ganhámos mais do que o dobro...

—E projectos?... perguntámos para terminar.

—O grande projecto que há é representar o «Prémio Nobel» em Paris, no Brasil e na Argentina, de onde já foram recebidas propostas. Por outro lado, Leitão de Barros parece que está em negociações com a Metro Goldwin Mayer para a sua cinematização. Mas isso só ele lhe poderá dizer...

O êxito da peça está na discussão do tema



Fernando Santos

A telefonista diz-nos:

—O sr. Fernando Santos está a dar a aula de desenho e trabalhos manuais mas eu vou chamá-lo.

Também é com boa disposição (sempre são 100 representações...) que o segundo autor do «Prémio Nobel» que encontramos, nos responde:

—Sim, para nós o significado do nosso original ter atingido a 100.ª representação é grande. E creio que é também motivo de orgulho para o Teatro português, pois, tal facto, como sabe, é excepcional.

—A que atribuiu o êxito da peça?

—Talvez á novidade do tema, á complexidade do conflito. E, note—acrescenta—grande parte do êxito deve-se ás discussões que o tema tem suscitado, principalmente, entre a classe médica que, praticamente, já foi em peso ao Nacional—e entre advogados, que também se apaixonaram pelo assunto. Por outro lado, a peça é acessível a todo o público, que a soube compreender.

Não queremos roubar o precioso tempo do professor Fernando Santos e, por isso, perguntámos:

—E, na realidade, quanto rendeu a peça a cada um dos autores?

—Cerca de 30 contos.

—E projectos?

—Há os de tradução da peça para inglês e francês. Desta ultima foi encarregado Erico Braga, que já está a trabalhar na tradução. E foi esta a ultima declaração de Fernando Santos.

Encontrámos, finalmente, Leitão de Barros.

Dos palcos da Europa para os Estudios americanos?



Leitão de Barros

Começa por nos pedir que anotemos as suas declarações, textualmente, o que passamos a fazer:

—Não me considero o autor da peça mas um «post-scriptum»...

Perguntámos-lhe por quê e ele respondeu:

—Porque, quando regresssei do Brasil, a peça estava consagrada pelo público e pela crítica. Portanto, tudo quanto eu disse sobre a sua interpretação, e inevitáveis modificações que em geral os textos sofrem quando passam do papel para a madeira, seriam descabidas.

E acrescenta depois:

—Prefiro, portanto, não me pronunciar sobre a boa vontade e o mérito de todos aqueles que durante a minha ausência procuraram trabalhar a peça, cuja ideia, aliás, era já do

(Continua na 14.ª página)

Uma quadrilha de adolescentes

acusada de uma série de crimes

NOVA YORK, 19—Quatro adolescentes—todos eles classificados de estudantes melhores do que a média—estão presos nesta cidade, sem fiança, acusados de uma série sádica de assassinios, tortura e espancamentos nos parques da cidade.

Três são acusados de terem espancado um velho tão ferozmente que este morreu. A Polícia procura o cadáver de uma segunda vítima, um negro, que teria sido lançado no rio depois de torturado. — (Reuter).

DIGA E FUME SEMPRE
DU C GEORGE
CHARUTOS E CIGARRILHAS
HOLANDESES

A imperatriz Bao-Dai

do Vietnam chegou a Lisboa num avião especial

Toda de prata refulgente com as tiras amarelas e vermelhas da heráldica, completada por m dragão, sinais cabalísticos e outros temas orientais, a grande aeronave poitou suavemente no aeroporto e logo, em primeiro lugar, saiu sua majestade, a imperatriz Bao-Dai, do Vietnam. Cumprimentaram-na os srs. drs. Brás Mimoso e Vaz Pereira, em nome do sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, enquanto iam descendo os restantes passageiros: três filhas e um rapazinho, todos, naturalmente, jovens, pois jovem é também a imperatriz; sua mãe, a duquesa de Long-My, no seu traje nacional, lilás, bordado na mesma cor, uma «écherpe» na cabeça e um mantelete que lembra, no arranjo, as dobras do sahari; uma irmã, a baronesa Didelot e uma filha desta, «mademoiselle» Monique Didelot; e, por fim, o secretário particular de sua majestade, o dr. Tien-Lang, hindo, escuro, tipicamente mongol, de óculos e máquina de filmar a tiracolo.

A imperatriz Bao-Dai, vedeta dos grandes «magazines» estrangeiros, singela e formosa, com um bonito casaco de viagem no braço e um vestido de «foulard» verde-seco com pintas brancas, unhas dos pés pintadas, muito europeia, enfim, com seus cabelos corados «à la Fronda», sorriu-se para as objectivas dos repórteres fotográficos e informou, no francês mais cantado deste Mundo:

—Sim, é a primeira vez que venho a Portugal. Venho atraída pela fama mística de Fátima. Meu marido, o imperador, ficou em Cannes, com o príncipe herdeiro, e ali regressarei no começo da semana que vem.

Depois, gentil mas firmemente, como quem tem um protocolo que deseja ver cumprido:

—Estou encantada por vir a Portugal. Qualquer outra impressão, poderá prestar-lhe o meu secretário, o sr. Tien-Lang...

Que nos poderá dizer, porém, o sr. Tien-Lang das impressões de sua majestade a imperatriz Bao-Dai? Filha das terras do Sol Nascente, desse distante Vietnam mal curado das feridas de uma guerra de oito anos, a formosa imperatriz, maquilhada e vestida como uma elegante parisiense, levemente pálida, levemente morena, passa o melhor do seu tempo em Cannes, onde os filhos fazem a sua educação. Não fala de politica nem intervém na acidentada vida publica do imperador. O seu império é o do coração—e pelo coração governa muitas obras de assistência a que preside, pessoalmente. Vem, agora, a Portugal, em viagem particular; como tal, seguirá, amanhã, de automóvel, para Fátima, no cumprimento de uma promessa que não é revelada; voltará a Lisboa, onde a espera o seu avião particular—um «Liberator», potente quadrimotor, comandado pelo comandante Frenel, francês como toda a tripulação—e no sábado, seguirá para Santiago de Compostella, onde irá também orar. Depois, Cannes... e não se sabe que mais, porque a vida não pára...

Ministro das Obras Públicas

COIMBRA, 19 (Pelo telefone)—De passagem para as Pedras Salgadas, esteve aqui hoje, ás 11 horas, o sr. eng.º Arantes e Oliveira, ministro das Obras Públicas, que foi aguardado no Largo da Portagem pelo chefe do distrito, presidente da Camara, deputado dr. Moura Relvas comandante da Polícia de Coimbra e inspector da Internacional, 2.º comandante da G. N. R., eng.º Costa Alemão, director dos edifícios nacionais; eng.º Pedro Lamas, chefe de divisão das estradas nacionais, e eng.º Sales Henriques, Barata Lima e Ramos. Aquele membro do Governo visitou as importantes obras em curso no Largo da Portagem e em Santa Clara, com vista ao acesso á nova ponte sobre o Mondego, que devem estar terminados no fim do mês corrente, pelo que ali trabalham numerosos operários.

FEDERAÇÃO LATINA

dos Juristas e Advogados

Na recente assembleia da «Fédération Internationale Latine des Juristes et Avocats», realizada em Paris, com a presença de delegados de quarenta países, foram eleitos vice-presidente e vogais do Conselho Geral da Federação, respectivamente, os srs. dr. António de Sousa Madeira Pinto, dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho e dr. Luis Pedro Moitinho de Almeida, advogados, em Lisboa. Do referido Conselho fazem parte vários reitores e professores universitários, bastonários de Ordens dos Advogados, um ministro da Educação, etc.

Se V. Ex.ª possuir

Ouro, prata ou brilhantes não tem dificuldades económicas
A nossa casa paga muitíssimo bem.
Grande Ourivesaria da Moda
RUA DA PRATA 257

Lisette Parienté, de Paris

mostrará durante o chá do Palácio Hotel do Estoril, amanhã, 6.ª feira, dia 20, ás 17/30, a sua criação

«LA COMBINAISON AMAIGRISSANTE»

que será apresentada por «Peggy» mannequin vedette de Paris.

Por especial gentileza a CASA BOBONE L.T.D.A. fará também passar alguns dos seus mais elegantes vestidos.

VIDA Literária

O PRETO NO BRANCO

O Castelo

de Ramada Curto

No alto da colina o velho solar em ruínas era decorativo, com a sua muralha ameada, a sua torre medieval quadrada, maciça, onde no alto iam fazer ninho as cegonhas. Eu sei bem que todos os monumentos de pedra que o Homem tem erguido pela terra durante a jornada dos séculos, acabam por se desfazer e tombar em ruínas.

As pirâmides do Egipto é preciso defendê-las das areias do deserto todos os anos para que não desapareçam como atracção turística. Os faraós que lá dormiam julgando-se ao abrigo de desastres, estão hoje em vitrinas nos museus da Europa e da América. O templo do Sol em Heliópolis é uma enorme massa de pedra informe sobre que crescem as parietárias. Dentro das suas paredes habitam os chacais e as cobras venenosas escondem-se entre as suas pedras. Toda a obra do Homem acaba por se desfazer em poeira porque, como ele

próprio, é pó e em pó se há-de tornar. Só subsiste e dura um pouco mais o Pensamento e a Beleza. Da Grécia restava o Partenon, a Victoria de Samotracia e os filósofos. Mas, quando via destacar-se no Céu, sobre os fundos de nuvens bochornosos do Inverno ou nos claros dias cheios de sol, a silhueta do castelo dos Calhordas, se soubesse tocar violão e rimar cantigas faria como a personagem da Ilustre Casa de Ramires que cantava a torre de Santa Irenela destacando-se no espaço em noites luarentas. Começava a pensar em todos os D. Fuas, os D. Mems, as Mecias e as Estevaninhas que tinham passado a sua vida fugaz ao abrigo daquelas muralhas. Era o prestígio da Tradição e da História que me impressionava. As figuras medievais que a minha imaginação evocava, possivelmente, feitas da mesma massa do que eu, teriam evocado no seu tempo outra tradição mais antiga; a goda, a romana, a árabe, — que sei eu! — porque nisto da Tradição é lícito a todas as gerações olhar para trás, até à idade da pedra, ou, mais longe ainda, ao Paraíso terreal, onde, segundo os melhores autores, começou a jornada humana.

Mas o caso é, que eu, em face do castelo solarengo dos Calhordas, sentia-me emocionado. Porque afinal as pedras duram muito, abrangem muitos séculos. Estou em crer que o cimento armado vai durar muito menos. Com a desvantagem de com ele se fazerem construções sem estilo. O que

caracteriza a idade moderna e contemporânea é a ausência de estilo. Constroem-se casas para habitar, pré-fabricadas algumas, com tantas divisões e casa de banho e com anos fixados de duração, findos os quais em seu lugar se construirão outras adaptadas a abrigar mais gente — que está sempre a aumentar. Mesmo que com as bombas de avião e artilharia pesada, os edifícios não têm tempo de envelhecer coisa que se veja.

A roda do castelo na vilória a sopé da montanha já havia casas estilo caixote. O edifício dos Correios era uma maravilha de adaptação. Parecia uma velha cómoda de gavetões de pernas para o ar, e a casa da Escola tanto podia servir para ensinar crianças como para «stand» de automóveis. Sem contar que por cima das ruínas passavam aviões, na torre, quadrangular e maciça, iam prender-se os cabos transportadores da energia eléctrica e os fios telefónicos, perturbando a paz das cegonhas que essas, suponho eu, seriam bem mais antigas que o castelo. Mas o velho D. Diogo Calhordas é que não pensava assim. O seu castelo seria eterno. Lá tinham vivido todos os Calhordas, desde o primeiro até ele. E o simpático fidalgo todo se desentranhava em monografias laboriosas e documentadas, sobre o que fora a vida dos seus antepassados dentro daquelas muralhas gloriosas, os feitos heróicos de D. Mem, alcaide-mór da Freixianda, os amores medievais de D. Estevaninha sua trigésima avó, o acto bárbaro dos moiros que a D. Tructesinda, em dia de batalha, tinham mutilado de tal forma que o que valera ao inclito guerreiro, fora já ter ao tempo nove filhos, sem o que acabaria a linhagem dos Calhordas. Tinha vindo propor a D. Diogo que na esplanada do castelo deixasse instalar um Hotel, de concor-

(Continua na 13.ª página)

«O sonho de Akbar»

A geração de Quinhentos viveu momentos de glória épica que foram imortalizados por Camões nos Lusíadas:

A era de Novecentos vive também momentos de emoção pela causa de Portugal. A Índia das religiões milenárias, das descobertas, a Índia portuguesa, afeiçoada aos moldes cristãos, a Índia lusitana, traço de união entre o Oriente e o Ocidente, está em perigo, mas não perdida. A síntese elegiaca: «Levanta-te capitão... que se perde a Índia» é derrotista, não traduz a verdade.

Os Albuquerque, os Soares de Albergaria, os fortes Castros estão presentes nos seus filhos. Assim o demonstraram alguns portugueses sem receios nem cobardia acomodaticia na sessão memorável da Sociedade de Geografia presidida pelo distintíssimo descendente de grandes portugueses que honraram Portugal na Índia, D. José Saldanha da Gama.

Desde muito novo que nutro pela civilização indo-cristã uma admiração apaixonada porque vejo nela a realização do sonho de Akbar. Akbar era um rei poderoso mas bom e pacífico; no seu coração generoso cabiam todas as almas e todos os corações. Sonhou então construir um templo mais magnífico do que o de Salomão; nele caberiam todos os anseios da Humanidade; nele adoraram-se-iam todos os deuses. Mas não foi mais do que um sonho. Em breve as hordas selváticas iam desfazer cruelmente todos os projectos do bom rei.

A Índia portuguesa gozava de paz e havia respeito mútuo entre cristãos, hindus e muçulmanos. Nas refregas de D. D. morreram três cristãos e um muçulmano. Não existia nesse oásis de paz ódio de raças nem religiões. Um pensamento dominava: o amor pela Pátria portuguesa. Tenhamos fé e confiança. A Índia será sempre nossa, mesmo que tenhamos de atravessar, qual outro Israel, um mar vermelho de sangue.

SOARES DE ALBERGARIA NETO

A primeira vítima do Diabo

A EDITORIAL MINERVA

RUA LUZ SORIANO, 33 — LISBOA — TELEF. 22535

APRESENTA O 36.º NUMERO DA FAMOSA

COLECCÃO XIS

FLORES PARA O JUIZ

de MARGERY ALLINGHAM

COMPRAR UM VOLUME DA XIS É TER A CERTEZA DE LER UM DOS MELHORES ROMANCES POLICIAIS

Um poema

Uma Lua de Sol
perfuma de luz
a noite branca...
Os caminhos são estradas alongadas,
como horizontes de espaços!
O vento beija

—qual amante entontecido—
as vestes brandas,
os corpos nus,
as almas sonhantes d'anseios,
Demónios e Deuses
cruzam-se nos caminhos:
Tentam! Redimem! Enleiam...
Enleiam...

Turbilhão de sensações perfeitas:
A Terra fremente pungente de vida,
e oferece como virgem pagã
seus prazeres, aos mortais...
Quero dormir e não posso,
quero sonhar e já não tenho sonhos,
quero, quero querer
—o que não quero—
crer, crer e não tenho Fé!!!
Esta Lua branca
como asas de cisne
faz-me mal...
Põe-me louca, louca!
Queria ser só espírito,
pairar bem alto:
olhar a Terra
numa sensação de pena
e chorar, chorar...
por tudo que é mortal.

Maria Guiomar Ribeiro da Silva

LER E ESCREVER

1

De Somerset Maugham, sem dúvida, um dos maiores romancistas do século, que ainda há pouco declarou ter dado por finda a vida literária, o que não deixa de ser lamentável, publicou agora a Editora Ulisseia «Encontros de Acaso», magistrais novelas, traduzidas por Luisa Maria de Eça Leal.

2

Prossigui uma das mais notáveis obras que se têm levado a cabo em Portugal: a reintegração dos nossos monumentos. Coube a gora a vez ao vetusto Castelo de Alcanede, Santarém, como se historia no boletim 76, da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

3

Recebemos o volume IX, de «Insulana» órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, que se apresenta com temas de valioso interesse histórico, etnográfico e folclórico, versados por bons autores.

4

Está publicado o fascículo 248-249, da «História Universal», do ilustre professor Macedo Mendes, obra de vulto, em que se marcam novas perspectivas críticas de factos e acontecimentos. Edições Cosmos.

5

Veio a lume o «Almanaque de Santo António 1955», que conta já 57 anos de existência. Apresenta-se com as características do género.

6

Saiu a segunda edição do romance «Homem sem lei», de Miguel de Meneses. O facto do valor que a obra concitou nos leitores.

OS NOSSOS CONTOS

Portas cerradas

por ALDA GARCIA

—Mãezinha!... Deixas-me ir ter com eles?

—Hoje não, já é tarde...

—Mãezinha, já tínhamos combinado ir brincar aos polícias e ladrões.

Se não vou faço falta!...

—Vais amanhã. Fica ao pé de mim... Mas não chores Zézito!... Filho, tenho sempre tanto medo... As quedas... os carros... Tu sabes...

—Eu tenho sempre muito cuidado... Deixas?!...

—Bem!... Vai lá mas não te demores!

—Gosto tanto de ti, mãezinha querida!

E a criança correu, doida de alegria, saltou ao pescoço da mãe, daquela pobre mulher prematuramente envelhecida, esmagada pelas amarguras da vida, afogando-a em beijos e carícias.

—Adeus, mãezinha!

E desceu como uma seta, alcançando o grupo das crianças que brincavam no asfalto negro da rua, entre gritos de júbilo.

Ela cansada mas sorridente olhava-os lá de cima, enlevada com esse grupo alegre, saltitante.

Oh! Como ele era lindo! Não havia outro como o seu Zézito, grandes olhos azuis, cabeinha loura e tão esperto... Era dela, era o seu único tesouro, a sua última esperança.

Acenou-lhe vagamente e retirou-se curvada, pensativa. Era seu, só seu, para ela que já quase nada tinha.

...Mas, Nosso Senhor, que fora aquilo?!...

Uma buzina?... Travões... gritos!...

—Zézito! O' Zézito!...

Precipitou-se para a janela. Procurou-o com o olhar.

(Continua na 13.ª página)



Um Picasso, antes da época cubista

LIVROS e AUTORES

COMENTÁRIOS DE ARTUR PORTELA

A VITÓRIA DE UM ROMANCISTA

Não sei se Ferreira de Castro ficará surpreso se lhe afirmar, com sinceridade plena, ser este o melhor dos seus livros. É costume dizer isso de um autor de nomeada, como o autor de «A Selva», um pouco por galanteio crítico, e também para lhe dar a impressão de que não dorme (passe a imagem) a sono solto sob a áurea coroa de louros que o publico, porventura, lhe tenha outorgado.

Nada mais cruel para o escritor, que tem o humano por substância temática, nas suas multiplas e infinitas incidências, de que lhe dizer, ou insinuar: paraste, o teu ultimo livro é igual ao anterior!

O criador literário, de larga envergadura, gosta de se ver erecto e caminhar sempre, sem bordões, atingindo sucessivos horizontes, até que a morte, e só ela, o interrompa no seu cruzeiro de almas e vidas, através do Mundo. Mesmo ele, com os recursos da ficção, o vai povoando, acrescentando-lhe novas existências e deixando sob os passos germes de esperança e de confiança.

Quando pára não é para descansar, mas para construir um templo, erguer uma verdade, reunir os homens e falar-lhes uma nova linguagem de fé e de justiça, e de solidariedade.

Por isso hesitamos um pouco em dizer que «A Missão» era o melhor livro de Ferreira de Castro. Então, os outros?—inquirir ele, apresentando-nos, com modestia ou orgulho, *Os Emigrantes*, *A Selva*, *A Lã e a Neve*, *Eternidade* e *A Curva da Estrada*, entre muitos, traduzidos em quase todas as linguas do Mundo. Isso não basta para os consagrar? Não é o suficiente para reconhecer que há neles um claro de beleza? Que são um testemunho humano? Algo de diferente na nossa e na literatura alheia?

Sem duvida cada um focou ou recriou um tema poderoso, de cunho social, ou de individualização de sentimentos e de caracteres, mas ao lermos «A Missão» vemos que só agora Ferreira de Castro, pela experiência literária e, sobretudo, pela maturidade do seu notável talento, atingiu o alto da montanha.

Agora, sim! O homem é igual à sua obra, criando singulares ressonâncias, que pela primeira vez—não hesito em escrevê-lo—se tornaram audíveis na literatura contemporânea portuguesa.

E já agora permita-se-me um desvio: a escola moderna do romance trouxe à superfície o chamado neo-realismo. Mas, muitas vezes, pelo seu excesso, hipertrofia, insistência da mesma problemática, elle soa a falso, é como que artificial senão fabricado em série.

O autor denuncia-se demasiadamente, isto é, documenta mais o que é, o que pensa, do que propriamente o que analisa a sua volta. A influência do ambiente leva-o, involuntariamente, a alinhar-se com os outros, de sorte que não consegue, com imparcialidade, projectar, a vida no que escreve, porque a deforma, a explora, segundo a expressão escolástica em moda no romance.

Recorre ao padrão dos mestres em voga, sobretudo o dos americanos do Norte e do Sul; sem ver que, se as figuras são transplantadas e os conflitos imitados, caem no arbitrário, no convencional, numa anti-realidade do meio humano e numa artificiosa pintura de ambientes.

Toda a literatura, como o individuo, é autotectone. Depende do solo, do clima, da vida própria, elaborada localmente, tendo, portanto, reacções próprias, originais melhores ou piores, mas características. Neste aspecto, Taine e Goyau tinham inteira razão.

Se nós alargarmos mais, ao capitulo de arte, por exemplo, veremos que a estatua helénica só na Grécia, podia resplandecer, e que a grande pintura da Renascença, no duplo aspecto religioso e profano só na Itália podia ter o seu berço, como só entre os flamengos, se podia ter processado como processo o quadro de composição anedótica, de costumes familiares. O mesmo sucede, pois, no romance. A sua autenticidade depende do que ele tem de eminentemente nacional.

E, neste ultimo conceito, ou definição, já entra o estilo do autor. Escrever duro, cortante, lapidando pedras, não se ajusta à nossa psique. Sem emoção humana, nem sermos protagonistas, sem nos comprometermos, sensorial e espiritualmente, não é possível dar verdade, genuinidade e grandeza a uma obra.

Ferreira de Castro surge-nos assim como um notável romancista de autêntica expressão portuguesa. Depois de nos ter dado a grande epopeia de «A Selva» que, porventura, foi um principio de renovação do romance contemporâneo—sente-se que, sem abandonar o seu ideário, como que se reumanizou.

Agora já não são as grandes massas, em frescos ululantes, a Orozco e a Portinari, nem o desenho dos caracteres que o tentam. Tudo isso, embora vigoroso, é mero jogo formal de imagens, de aparências, de reflexos, de planificações geométricas do humano. Mas qual a chave do individuo? A sua alma? A sua zona de sombra? O mistério dos seus instintos? Numa palavra, a sua introversão, o que oculta, o que pensa e não traduz pela palavra? Mais uma citação: Dostoiévsky, entre sombras e clarões, deu-nos tipos portentosos. Foi o que mais fundo, epilepticamente, até, como um semi-deus potente que tivesse criado o fogo

“A Missão”

Três novelas humanas de Ferreira de Castro

prometaico, abriu e explorou os abismos da alma.

Escancarou-os e como que descobriu o inferno de consciências tetanizadas. Mas era um eslavio, que pela sua mórbida, patologia idiosincrasia, aliás genial, exagerou as dimensões psicológicas.

No entanto, um subtil, mas audível acorde



FERREIRA DE CASTRO

dostoiévskiano ecoa no novo livro de Ferreira de Castro.

Não é uma comparação entre os dois escritores, que o romancista português seria o primeiro a enjairar, tão formidável e do colosso dos «Humilhados e Ofendidos» e do «Crime e Castigo», mas uma relação que tem fundamento, se analisarmos em profundidade a segunda novela d'«A Missão».

O livro é constituído por três contos: o que dá título à obra, «A Experiência» e «O Senhor dos Navegantes». Triptico assombroso, em que a classificação de novela, pelo menos, em referências às duas primeiras, não é assaz definitiva. Na verdade, trata-se de dois romances, um mais curto, o primeiro, outro mais longo, o segundo ocupando quase todo o livro, e, no final, uma curta e transparente alegoria que se pode considerar uma espécie de veridictum universal. Tem beleza simbólica, construção lapidada, e a claridade daquelas verdades eternas, de que o homem lentamente se aproxima, mas que ainda se reflectem no horizonte, como mero jogo de miragens.

Mas não nos detenhamos no ultimo conto de «A Missão», em que Ferreira de Castro postula a imperfeição, ou o inacabado do Mundo. A matéria é de tal maneira egreja que ultrapassa as dimensões espirituais de um pobre bipede humano, como nós. Por isso a deixamos a quem, com perfurantes sondas filosóficas ou

ontológicas, a trate—aceitando-a, ou refutando-a. Por nossa parte, inclinamo-nos, admirando a sua construção literária, com um bocadinho de íntima adesão, mesmo que pareça menos ortodoxa a nossa atitude.

E vamos às outras duas novelas. «A Missão» foi escrita sob a atmosfera ardente da guerra, mas não se ouve o disparo de um tiro, o estrondar de um canhão, tão tranquila e silenciosa, e na sua aparência de lago.

A ideia medular parece-nos inteiramente original. Uma verdadeira *trouville*. Sem roubar o entrecho aos leitores, pela sua reprodução, vamos procurar dar, de certa maneira, as figuras e o ambiente.

A acção decorre numa missão de religiosos, e passa-se tanto horizontalmente como verticalmente. Entendamo-nos: Ferreira de Castro projectou duas acções: a externa, a aparente, que tem como veículos a palavra e a atitude, e a que se passa, silenciosamente, no fundo das consciências.

Trata-se, ou não, de escrever no telhado do edificio religioso, igual em dimensões e estrutura, a outro ocupado por uma fábrica, que trabalha para o Exército francês, a palavra que o defende dos bombardeamentos aereos, imunizando-o, portanto, como uma mansão de paz, alheia ao drama sangrento que envolve os homens do Mundo.

O caso parece somenos, mas Ferreira de Castro torna-o crucial, impressionante, porque nós, não só, como dissemos, todas as referências exteriores de caracteres, coincidências ou disparidades de conceitos, o modo que se reveste de sólidos argumentos, a casuística fina e subtil, mas ainda o que se passa para lá da porta murada das almas.

Em dois planos interdependentes, que se interseccionam, porque estão em direcções diferentes, o notável romancista escreveu uma obra profunda, densa, emocionante, em que analisa, no decorrer da acção, sempre progressiva, todas as soluções do problema.

O que nos surpreende, sobretudo, o que é expressão nova na maneira de Ferreira de Castro, é a sua penetração espiritual, a captação daquelas sombras de pensamentos fugitivos—melhor ainda, ou mais concretamente—o de decifrar todos os segredos, todos os mistérios da consciência, torná-los visíveis, não directamente, mas por interferências, sugestões e ecos, até levar às ultimas consequências esse debate religioso e moral, de nobilíssima envergadura.

Há de tudo naquela comunidade religiosa: o padre que recebe a morte e com um pretexto falso se retira para lugar seguro; o patriota exaltado, que desafia o inimigo; o místico, para quem o destino está na mão de Deus, e que pretende, com o sacrificio de toda a missão, salvar centenas de vidas, não só dos operários da fábrica, mas das mulheres e das crianças, que deles dependem; e há também—e que admirável figura a desse superior!—o homem que chega a uma conclusão nesse dramático conflito: oferecer em holocausto ao inimigo o edificio da comunidade, por motivos que não são exclusivamente de ética religiosa, mas social, um social repassado de ternura, de comção, do que ele foi, do que ele pecou, do seu convívio fraternal com os operários cansados, as mulheres que lhe sorriem, respeitosamente, as crianças que lhe oferecem

flores—esse outro Mundo, a dois passos do claustro, no qual se havia, por acaso, penetrado, nunca, porém, abria os olhos, reconhecendo-o, identificando-o, comungando com ele.

A maneira como esta novela—já agora chamemos-lhe assim—está estruturada é perfeita, magistral.

Que dizer? Que nunca Ferreira de Castro se internou tão deliberadamente no Mundo das almas, que nunca, como agora, lhes arrancou a verdade e a mentira, pondo-as nuas por completo, e que nunca também o seu estilo foi tão ductil, subtil, insinuante, de um tom baixo (talvez isto se entenda), em que a palavra parece sussurrada, murmurada, em que tudo se passa como por detrás de um vidro fosco, através do qual vissemos silhuetas, mas pouco ou nada mais distinguissimos. Por outras palavras: o debate íntimo da consciência de cada sacerdote, que não se revela aos outros, tornou-o Ferreira de Castro perceptível em todas as suas interrogativas, ansiedades, angustias e escrúpulos.

Compreende-se, portanto, o que há de difícil nesta arte de sugerir, que parece ter uma cor cinzenta, indefinível e morta, onde todos os contornos verbais, físicos, espirituais se atenuam, quase sem relevo, quase sem forma.

Do melhor que temos lido em várias literaturas! Eliminado ou em outro vocabulo, mais desusado, e aliás, são raros, o estilo admirável ficará com uma luz diamantina.

E' o próprio tema—fluyente, sereno, tranquilo, como um tique-taque de um relógio, que conta o tempo—a catástrofe iminente do bombardeamento da missão.

A outra novela, «Experiência», é decisiva. Ainda aqui há pouco a outro romancista (Leão Penedo) dissemos: porque não abordou tal assunto? Ei-lo, entre duas vidas cruzadas, a do preso, numa total confissão e a da mulher, que a vida atirou para a ignominia, com outras, nos recintos, onde se exerce a mais velha profissão do Mundo. Ferreira de Castro, neste longo conto, dividido em 151 dias, que são outros tantos capitulos, além de outros, deu-nos o romance mais verídico e patético de toda a sua obra.

Até a excede, porque se podia dispensar a parte final, visto já antes ter chegado a uma conclusão.

Torno outra vez a empregar a palavra maestria e outra vez a dizer que este romancista de caracteres, de grandes massas, de temas universais, se revela um extraordinário psicólogo, com o quer que seja de ultra-penetrante, hipersensível, de humano—um humano diferente—em que o individuo é compreendido em todos os aspectos confessionais.

Em toda a obra, globalmente em «A Missão», não há uma figura que encarne, por si ou pela sua condição social, ódio ou repugnância condenáveis.

Experiência da vida, decerto. Esta novela passa-se toda a luz, ou contrário da inicial, envolta em sombras. A acção encadeia-se em dois tempos, presente e passado, com uma naturalidade flagrante e uma exuberancia e realismo de pormenores que não chocam, apesar de um dos meios ser um templo do amor venal. Ferreira de Castro podia, e não quis—outra vitória do grande romancista sobre a negra matéria literária agora explorada—ir para o mais fácil: o escatológico, o lubrico (e agora digo) o ludrico.

E podia também, numa falsa comiserção, pretender purificar as almas e os corpos daquele entreposto feminino. Nem uma coisa nem outra: a verdade natural, quase fotografada, nítida, visível, numa extraordinária coleção de tipos de almas.

A pormenorização do ambiente, dos costumes da casa, revela um estudo profundo, não mórbido, ou especulativo, mas real e flagrante—estudo esse que parece as peças de um processo dirigido à consciência publica, porque o autor, de facto, procura e chega a uma conclusão, na qual a todos nos responsabiliza. E não perora, não defende, nem acusa, não se deixa arrefatar, sempre friamente objectivo, narrador imparcial, por vezes terrível de agudeza, porque nada lhe escapa na sua ansia de demonstrar a culpabilidade social, de uma chaga que nos fere colectivamente.

Vai extensa a critica, o que nem sempre é bom. Fechamo-la aqui mesmo, dizendo para concluir: «A Missão» é a melhor obra de Ferreira de Castro.

Supera todos os seus outros romances, e se estes, como é notório, entram na circulação internacional das melhores obras, este vai, sem duvida alguma, superá-los no caudal das traduções do autor.

Ferreira de Castro atingiu o ponto máximo do seu esplendoroso talento. Não lhe pomos um ponto final, mas daqui para diante não lobiçamos o que possa fazer de mais humano, de mais intenso, de mais comovente e de mais verdadeiro.

Uma obra séria, viril, que se ergue como um alto monumento, pela pobreza das suas intenções, na Literatura portuguesa. Um abraço, Ferreira de Castro!

ACABA DE SAIR :

a reimpressão de

A MISSÃO

O novo livro de FERREIRA DE CASTRO

2.ª edição vulgar (3.ª com a das «Obras Completas»)

Do mesmo autor: A VOLTA AO MUNDO — TERRA FRIA — A SELVA — A TEMPESTADE — A Lã e a NEVE — A CURVA DA ESTRADA — PEQUENOS MUNDOS — EMIGRANTES — ETERNIDADE

Guimarães Editores — R. da Misericórdia, 68 — LISBOA

A primeira vítima do Diabo

OFICINAS DODGE - Spida

Rua Sto. António à Estrela, 33

Avisamos todos os nossos Ex.^{mos} Clientes de que em virtude de obras nas nossas Oficinas apenas podemos proceder a pequenas afinações e serviços rápidos, não sendo possível, por esse motivo, aceitar automóveis e camions, para outras reparações mais importantes, antes de meados de Outubro.

Mário Baptista Coelho, Ld.^a

VINHO DE MESA LEZIRIA

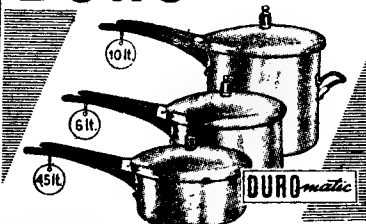


VENDA DIRECTA
PELO PRODUTOR
AOS RETALHISTAS

DEPÓSITO
AV. JULIO DINIS, N.º 1.
TEL. 770108 — LISBOA

TACHOS DE PRESSÃO

DUROmatic



COZEM 5 VEZES MAIS
RÁPIDO QUE O VULGAR

DE MANEJO MUITO SIMPLES
E DE SEGURANÇA ABSOLUTA

UM PRODUTO 100% SUIÇO

DEMONSTRAÇÕES SEM COMPROMISSO.
REPRESENTANTES: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
R. FANQUEIROS, 250, 2.º E. TEL. 20353 E 32903 — LISBOA

Em exposição no nosso
«stand» da Feira Popular

Marcação de lugares em comboios espanhóis

Quem tencionar viajar em Espanha já pode, em Lisboa, obter a marcação antecipada dos lugares nos comboios:

— De Valência de Alcantara a Madrid (Diário). Partida às 22 e 45 h.
— De Madrid-Príncipe Pio a Hendaye (Diário). Partida às 22 horas.
— De Madrid-Príncipe Pio a Hendaye (Rápido). A's segundas, quartas e sextas. Partida às 9 horas.

— De Madrid-Príncipe Pio a Hendaye (Talgo). A's terças, quintas, sábados e domingos. Partida às 12 e 45.
— De Madrid-Atocha a Barcelona-Término (Rápido). A's terças, quintas e sábados. Partida às 8 e 15 horas.

— De Madrid-Atocha a Barcelona-Término (Diário). Partida às 13 horas.

— De Badajoz a Sevilha (Automotora). A's terças, quintas e sábados. Partida às 15 e 25 horas.

Essa marcação faz-se na estação de Lisboa (Rossio), na Secção do Serviço Internacional, pagamento do resdo-chão, junto às informações.



R. VALE FORMOSO BAIXO, 94 — TEL. 34719 — LISBOA

SOCIEDADE GERAL

Carreira da Guiné

n/m «ANA MAFALDA»
em 25/8/54

para: S. Vicente, Praia e Bissau (Via Leixões e Funchal)
carrega na Doca de Alcantara a 23 e 24

Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

n/m «ALFREDO DA SILVA»
em 10/9/54

para: S. Vicente, Praia e Bissau (Via Leixões)
Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

Carreira de Angola

n/m «RITA MARIA»
em 25/8/54

directo a Luanda, Lobito e Moçamedes, carrega na Doca
de Alcantara de 18 a 21

Carga de Frigorífico dia 24

Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

n/m «BELAS»
em 10/9/54

para: Príncipe, S. Tomé, Landana (se convier), Ambriz,
Luanda, P. Amboim, Lobito e Moçamedes (Via Leixões)

Recebe passageiros

n/m «RITA MARIA»
em 17/10/54

directo a Luanda, Lobito e Moçamedes
recebe carga em Leixões

Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

Chamamos a atenção dos Senhores passageiros para as
disposições em vigor acerca do transporte de bagagens.

Carreira de Angola/N. Europa

n/m «ALMEIRIM»

à carga nos portos de Angola em fins de Agosto para
portos do N. Europa

n/m «ARRAIÓLOS»

à carga nos portos de Angola, 2.ª quinzena Setembro / 1.ª
quinzena Outubro para portos do N. Europa

Carreira N. Europa/Angola (Ligação C. Verde, Guiné)/Angola

n/m «ALENQUER»

à carga em Hamburgo, Bremen, Anvers e Rotterdam na
2.ª quinzena de Agosto para: Lisboa, S. Vicente, Praia,
Bissau, S. Tomé e portos Angola

Tratar em:
LISBOA — Rua do Comércio, 39 — Tel. 26314/5
PORTO — Rua Sá da Bandeira, 82 — Tel. 27363

SERVIÇO COMBINADO COM O CAMINHO DE FERRO

Um novo Despacho Central ao
serviço do Público de Lisboa
A Empresa Geral de Transportes
vai dotar, a partir de 20 do corrente,
o serviço combinado em Lisboa, com
um novo Despacho Central, com a
denominação de «Lisboa-Anjos-Cen-
tral», situado na Rua dos Anjos,
n.º 77-A.

O facto representa importante be-
nefício para os habitantes do respec-
tivo Bairro.

Festas da Agonia

DOMINGO, 22

«Expresso-Popular»

a
Viana do Castelo

HORARIO

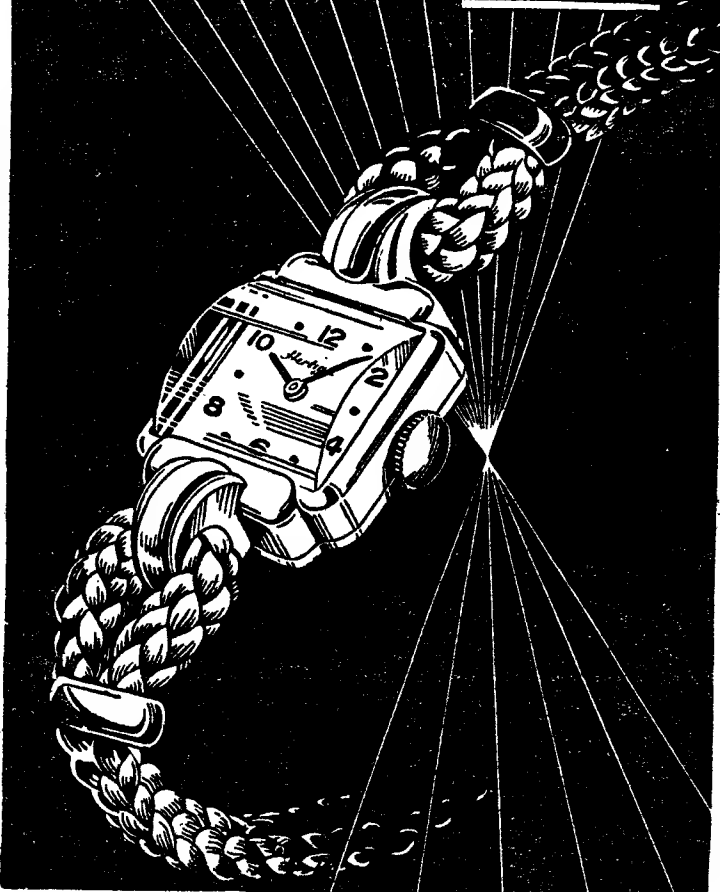
Partida da estação de Lisboa-Ros-
sio às 6-00 do dia 22.

Regresso à estação de Santa Apo-
lónia às 8-00 do dia 23.

Continua na estação do Rossio a
venda de bilhetes para este «Expres-
so-Popular» ao preço de 130\$00.

Hertig

UM AMIGO CERTO



AVISO

J. B. Fernandes & C.^a, L.^{da}

previne a sua estimada clientela e todas as entida-
des das suas relações que os numeros dos seus telefo-
nes mudaram para P. P. C. N.º 32591.

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 10.ª página)

rência assegurada, dada a beleza panorâmica que dali se desfrutava e a brisa fresca que, mesmo em plena canícula estaria em tais alturas, sempre assegurada aos turistas. D. Diogo recusou com nojo e indignação.

Ora o engenheiro Silvério que conhecia a região deu-lhe «no golo» — como se diz vulgarmente — qualquer coisa que observara na colina do castelo e chamou para observar essa tal coisa que lhe despertara a atenção, geólogos, outros engenheiros, vários especialistas nas coisas dos movimentos das terras. E todos eles concluíram que a colina do castelo estava «a dar de si», que as águas da ribeira próxima vinham produzindo uma erosão secular, um desgaste contínuo e que não seria o castelo que desabava, mas era a colina, a própria colina em que assentava o solar dos Calhordas, que ia faltar debaixo das ruínas gloriosas.

Preveniram disso D. Diogo. O velho foi ver mas não se convenceu. Já pobre gastou os últimos patacos de que vivia a mandar escorar a colina com vigas de ferro e toros de pinheiro, arrancados ao pinhal próximo. Nunca me esquecerá o que havia de simpático e enternecedor na figura daquele velho, lutando contra a Natureza.

Mas um dia — foi pela tarde e no Inverno — a colina desabou com grande estrondo. No alto do morro a torre, quadrangular e maciça oscilou, tocada de morte e as suas pedras veneráveis rolaram pela encosta. Os habitantes da vilória no sopé da montanha fugiram espavoridos. Mas quando o movimento das terras cessou viu-se no lugar onde estava o castelo um montão de pedras informes. Os «caixotes» em cimento, da vilória, não sofreram nada. Em poucos anos porém envelheceram, com grandes manchas de humidade nas paredes. Todavia como o cimento e os outros materiais de construção não acabam e o mundo não para eu espero que no sítio onde estava o castelo venha a erguer-se ou um Hotel ou uma fábrica.

RAMADA CURTO

VIDA MUSICAL

Concerto sinfónico no Pavilhão dos Desportos

Realiza-se hoje, às 21 e 45, no Pavilhão dos Desportos, mais um concerto gratuito, oferecido pela Camara Municipal ao publico de Lisboa. Nele se apresentam a Orquestra Sinfónica Nacional, sob a regência do maestro Frederico de Freitas, e a cantora Maria Fernanda Mella.

Será executado o seguinte programa: «Ruslan e Ludmilla» (Abertura), de Glinka; «Sinfonia n.º 6» (Patética), de Tchaikowsky; canções de Artur Santos, Armando José Fernandes, Duparc, Germain Tailleferre e Jean Hu-beau; «Chaconne» (Versão orquestral de Frederico de Freitas), de Bach; e «Tannhauser» (Abertura), de Wagner.

A partir das 20 e 30, distribuir-se-ão, nas bilheteiras do Pavilhão dos Desportos, todos os bilhetes que restam.

Isaura Pavia de Magalhães Lisboa

No paquete «Eva Peron», partiu para Inglaterra a violoncelista e professora do Conservatório Nacional, Isaura Pavia de Magalhães Lisboa. Naquele país, onde vai a convite do «International Cello Centre», ao qual preside Pablo Casals e Maurice Eisenberg, de quem a nossa compatriota foi discipula, leccionará num curso de férias. Acompanha-a a sua discipula Natércia A. da Silva Matias.

Limpeza e restauro de carpetes

V. Ex.ª vai para fora? Aproveite a oportunidade para mandar limpar, restaurar ou tingir as suas tapeçarias.

Consulte os serviços técnicos da

FABRICA DE TAPEÇARIAS SULTAO

Pedidos aos escritórios: Rua Conde de Redondo, 64, 2.º. Dt.ª — Telef. 45359.

ORÇAMENTOS GRATIS

APENAS
2.572\$00
ROMA
NO «RAINBOW» — SERVIÇO TURISTICO
PAA
PAN AMERICAN
A LINHA AEREA DE MAIOR EXPERIENCIA
— SERVE PORTUGAL HA 17 ANOS
Dirija-se ao seu Agente de Viagens
ou a Pan American World Airways
Praça dos Restauradores, 46-Lisboa

Os nossos contos

(Continuação da 10.ª página)

—Zézito! Zézito!

Numa ansiedade crescente, soluçante, bradava com mais força:

—Meu filho! Zézito!

A multidão, que se reunira lá em baixo, á volta de um grande caminhão, ergueu os olhos. Nalguns lia-se piedade, noutros indiferença.

Maria lançou-se pela escada, fora de si. Nada a fazia deter, nem os rogos das vizinhas, nem a resistência que encontrava. Alta, escalavrada, envolvida nos seus farrapos negros, abriu caminho entre a multidão até junto do carro. Ai estacou surpresa, espavorida, derrotada.

Zézito jazia no solo banhado em sangue! Nada mais conseguiu dizer. Alguém a afastou dali, enquanto transportavam seu filho para casa. Longe, muito longe, ouviu:

—Está ferido!

—Chamem um médico!

Maria estava agora sentada á cabeceira do leito, onde haviam estendido carinhosamente Zézito. Pouco a pouco tomava consciência de si própria. Invadiam-na uma grande dor e um remorso pungente. Porque o deixaria ir?... Por que não se impusera? E se ele morresse?...

O médico chegou.

—Boa tarde! —disse ele secamente.

—Senhor doutor, o meu Zézito foi atropelado!...

—Já sei.

—Salve-o, por amor de Deus, senhor doutor!...

Ele olhou-a, rosto cerrado.

—Deixe-se de lamurias!

Depois curvou-se sobre a criança. Abriu-lhe a camisinha passajada, alizou-lhe uma melena loura que caía sobre a testa.

—Então?... perguntou-lhe.

—Mande aviar imediatamente este remédio! Ele tem de ser internado!

—Internado?!

—Sim, de contrário... não se salva!

—Mas eu... não tenho ninguém que...

—Nada mais poderei fazer. Procure! Pode ter que às vezes...

—Quanto lhe devo, doutor?

O médico esboçou um sorriso. Em seguida fechou novamente o rosto.

—Boa tarde! Felicidades!

Maria correu á farmácia. Trouxe o medicamento. Depois, envolvida no seu xale, partiu por essas ruas, abandonada ao destino, confiada na caridade.

A sua mão magra e trémula premiu o botão de uma campainha.

—Que deseja?

—Meu filho foi atropelado...

—Tenho muita pena, só daqui a dois dias!

E, arrastando o seu desespero e a sua infinita mágoa, continuou a bater de porta em porta.

—O senhor doutor está?

—Saiu. Teve uma chamada urgente.

Depois, já de passos incertos, inquiria mesmo a desconhecidos a morada de algum médico.

—Tenha paciência, não pode ser!

Um leve traço apenas...

para completa
higiene
das axilas.O bactericida
activo no
Bac-STICK é
inofensivo e
normalizador.Bac-Stick
Desodorizante
de perfume delicadoBac-STICK forte
preferido
pelos homens.

OLIVIN WIESBADEN

Distribuidores: SOC. COM. MATTOS TAVARES, LDA
Rua dos Sapateiros, 39, 2.º — LISBOALUZ FLUORESCENTE
GRANDE COLEÇÃO

Admiráveis candeeiros fluorescentes em plástico e um inédito sortido de plásticos de surpreendente efeito em instalações de luz indirecta em tecto, montras, etc.

PRODUTOS DA GRANDE FABRICA ITALIANA «BELMAG»

Distribuidores para Portugal:

ELECTRO IMPORTADORA, LIMITADA

Praça da Alegria, 44-1.º — TL. 34774 — LISBOA

—Não tenho médico para mim, quanto mais para os outros!

—Naquela escada há um. Pode ser que lhe sirva!

E Maria precipitava-se para lá. Mas, pouco a pouco, os seus ouvidos foram-se habituando ao fechar das portas, ás respostas vagas e desanimadoras.

Começou a sentir-se imensamente cansada. Afrouxou o passo, cambaleando já.

Que fazer no meio de tanta apatia e desinteresse?

Encostou-se um instante a um candeeiro. Olhou o céu que escurecia. As estrelas começavam a surgir. A seu lado, passava uma rapariguinha modesta e graciosa.

—A menina sabe-me indicar quem me albergue o meu filho?

—Seu filho?

—Sim, foi atropelado... Não conhece nenhum médico que...

—Olhe, ali no fundo daquela rua mora um que é muito bom. Talvez a possa ajudar.

—Obrigado, minha menina! Que Deus a abençoe!...

—E que seu filho se cure!

A pobre mãe bateu áquela porta. Atrás dela residia a sua derradeira esperança. O coração arfava-lhe.

—Que deseja?

—O sr. é médico? Quer valer-me?...

—Mas que foi? Parece-me fatigada. Ora sente-se.

—Não, sr. dr., não temos tempo!

Disseram-me que me podia ajudar.

—Então que é?

—O meu Zézito, o meu filho foi atropelado... Para se salvar tem de ser internado!... Deve ser tratado com grandes cuidados! Não conheço ninguém...

—Compreendo! Mas, na realidade eu não posso...

—Por favor! Deus meu! Ele é tudo para mim!

Sr. dr. salve-me!

—Então, então! Acalme-se!

Bem vamos ver-lo!

—Oh! Deixe-me beijar-lhe as mãos!

—O seu filho vai curar-se...

—Sim, agora tenho a certeza disso! Nunca devemos desesperar. Há sempre uma alma generosa que nos atende e auxilia.

E Maria continuou a falar longamente pelo caminho do seu filho, da sua infancia descuidada, da sua formosura.

Viraram a ultima esquina. Um candeeiro de gás iluminava a rua estreita.

—E' aqui! — indicou ela, entreabrindo a porta.

Ao fundo, na alcova humilde, Zézito sorria docemente, olhos cerrados.

Estava morto!

O luar que entrava pela janela v'inha reflectir-se naquela face pálida e bela que dir-se-ia adormecida.

Lá fora, muito alto, uma estrela brilhava intensamente e a alma duma criança voava nela até ao Céu.—A. G.

TOMOU HOJE POSSE

o novo presidente do Municipio
de Arruda dos Vinhos

Pelo governador-civil de Lisboa foi hoje dada posse, no seu gabinete, ao novo presidente da Camara Municipal de Arruda dos Vinhos, sr. tenente Armando Victorino Ribeiro, antigo secretário de vários ministros do Interior e que ocupou outros cargos na G. N. R. e na P. S. P., atingindo a reforma como oficial desta ultima corporação. Na cerimónia da posse, foram postas em relevo as suas qualidades de trabalho e inteligência, pelo sr. dr. Mário Madeira e pelo sr. capitão Silva Pais, em palavras que o empossado agradeceu. Ao acto assistiram amigos do empossado, os presidentes das Camaras Municipais de Loures e de Alenquer e representantes de Arruda dos Vinhos.

APENAS
1.269\$40
BARCELONA
NO «RAINBOW» — SERVIÇO TURISTICO
PAA
PAN AMERICAN
A LINHA AEREA DE MAIOR EXPERIENCIA
— SERVE PORTUGAL HA 17 ANOS
Dirija-se ao seu Agente de Viagens
ou a Pan American World Airways
Praça dos Restauradores, 46-Lisboa

SABUGA
A MELHOR AGUA DE SINTRA

Taurômaquia

Em Coruche

CORUCHE, 18.—A última corrida de toiros das Festas de Coruche, conseguiu esgotar, muitas horas antes do início do espectáculo, a lotação da praça, tendo os últimos bilhetes, na posse de alguns contratadores, atingido preços verdadeiramente exorbitantes...

Contribuiu para este êxito de bilheteira a grande expectativa á volta da reaparição de Diamantino Viseu, depois do seu memorável êxito nesta praça no passado mês de Julho. Os toiros, oferecidos por vários criadores da região, lidados, a cavalo, por Simão da Veiga, Manuel Conde e David Telles, que lhes deram lide movimentada e alegre, tendo todos estes artistas dado voltas á arena acompanhados dos forcados de Riachos que fizeram rijas pegadas.

Diamantino Viseu, que o publico recebeu com grandes ovações, não teve sorte com os touros que lhe couberam, pois o 1.º, um belo exemplar do dr. António Silva, e que parecia ser um toiro bravo, inutilizou-se no início da lide e recolheu aos curros apenas com alguns «capotazos». No 2.º, um manso de mau tipo e sem lide possível, Viseu, porfiando muito, ainda conseguiu luzir-se numa «faena» adequada ás péssimas condições do corrupto, tendo sido muito ovacionado durante a lide e no final, dando volta á arena, com flores e chapéus. Luís Briones houve-se com um toiro bravo e nobre de Alberto Patrício e outro manso e sem presença doutro ganadero. Briones esteve bem com o capote e, com a «mulata», ministrou uma faena artística e luzida com passes de várias marcas que o publico premiou com volta á arena e saída aos médios, tendo o ganadero chamada especial. No 2.º, a mansidão da rez não lhe permitiu fazer nada digno de nota. A praça tinha um lindo aspecto e a trincheira regorgitava de espectadores que não tiveram lugar nas bancadas o que, por vezes, muito embaraçou os artistas durante a lide.

DE LUTO

João Luís Mendes



João Luís Mendes

Após longo e doloroso sofrimento, faleceu hoje o sr. João Luís Mendes, chefe da Polícia de Segurança Pública, aposentado e actual subchefe da Polícia Privativa da C. P.

Dotado de excepcionais qualidades de carácter e fino trato, deixa profunda saudade em todos os seus amigos e quantos que com ele conviviam.

O extinto era pai do sr. dr. José Mendes, médico da A. S. M. da Polícia de Segurança Pública, e casado, em segundas nupcias, com a sr. D. Ema da Cunha Mendes.

O seu funeral realiza-se amanhã, saindo ás 11 horas da igreja da Graça para o seu jazigo no cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Telef. 43189-43180-55301-62772-CC 22
R. DE SANTA MARTA, 52-A, 56-A
Não confundir esta quase secular casa com outra há pouco criada com nome semelhante

GIACOMO COSTA fu ANDREA

«LINEA C»
Genova

Avisam-se os Senhores passageiros que pretendem embarcar no próximo dia 23 para o Funchal no paquete «ANNA C» que necessitam de passaporte para poder seguir viagem.

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL, OREY, ANTUNES & CIA. LTD.
LISBOA

Policlínica da Rua do Ouro

ENTRADA

Rua do Carmo, 98-2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia geral e operações — As 16 horas
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas
Dr. Romão Loff — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas
Dr. Mário de Mattos — Doenças dos olhos — As 14 horas
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estômago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais — Todos os dias — As 15 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas
Dr. Casimiro Alfonso — Doenças das Senhoras e operações — As 15 h.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas
Dr. Norton Brandão — Pele e sífilis — As 2.ª, 4.ª e 6.ª feiras As 16 horas
Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas
Análises Clínicas

A 100.ª representação

de «Prémio Nobel» no Nacional

(Continuação da página central)

conhecimento de Amélia Rey Colaço há cerca de três anos.

E, como que evocando, Leitão de Barros, explica:

—Com efeito, numa certa tarde, no «Século», contei o entredo da obra a Francisco Mata. Ele obrigou-me a meter-me no automóvel e carregou comigo para a «caixa» do Nacional, levando Amélia Rey Colaço, a ouvir, num intervalo do ensaio, a repetição do entredo dramático do «Prémio Nobel».

PUBLICAÇÕES

«Revista do Gabinete de Estudos Corporativos»

Saindo o n.º 18 da «Revista do Gabinete de Estudos Corporativos». Em editorial, o director chama a atenção para o problema da criação das Corporações no nosso País, afirmando a necessidade de se debater as duas teses em presença: criar imediatamente as Corporações, como forma de desenvolver uma consciência corporativa e acelerar a reforma da empresa; ou trabalhar previamente para que estas condições sejam fomentadas e possam servir de base á futura criação das Corporações. O amplo debate requerido pela delicadeza e importância do problema — acentua-se — torna necessária a colaboração de todos os que tenham uma opinião, sugestão ou crítica a apresentar, mesmo sob a forma de carta enviada á direcção da revista, fazendo-se, por isso, um veemente apelo neste sentido.

Seguem-se os artigos dos srs. prof. dr. Lucio Craveiro da Silva — «O proletariado e a organização da empresa» — sobre uma conferência proferida em Lisboa durante o I Curso de Formação Social para Engenheiros; e dr. Fernando Cid Proença, intitulado: «Sobre algumas deficiências de espírito corporativo».

Na secção «Trabalhos do Gabinete», do sr. dr. Valentim Xavier Pintado, continua a publicação de «Subsídios para o estudo da integração corporativa». Na secção «Informações e comentários», salientam-se os seguintes: «Industrialização e Sociedade», «Regulamento dos Jurados de Empresa em Espanha» e «Um problema de integração corporativa: Grêmios de carácter imperial?».

«Enciclopédia da vida corrente»

Está publicado o fascículo 14 da «Enciclopédia da Vida Corrente», editada pela Livraria Avelar Machado e que reúne colaboração de especialistas de todos os ramos das ciências. O presente fascículo apresenta-se muito ilustrado abrange os vocábulos de *Anatomia e Angola*.

O estudo relativo a Anatomia é extenso e de grande interesse. Foi redigido pelo prof. dr. Barbosa Socero e drs. Carlos Picarro e Eduardo Mendes, que trataram, respectivamente, da Anatomia humana, Anatomia animal e Anatomia vegetal. Além de esquemas de organização anatómica, mostrando os diversos órgãos, e de diagramas de cortes transversais, o artigo é ilustrado com alguns dos curiosíssimos desenhos anatómicos de Leonardo da Vinci, com um desenho de Bartolomeu Passarotti e com a radiografia da mão de um corpo humano, com as artérias visualizadas.

Começa neste fascículo a publicação de um extenso artigo sobre Angola, ilustrado com vários mapas e muitas fotografias que explicam e documentam os aspectos mais característicos da flora de Angola.

Muitos vocábulos merecem ser destacados, pelo seu desenvolvimento ou interesse como foram tratados.

Passando para outro tom de voz, o nosso interlocutor acrescenta:

—Simplesmente, o Chico Mata foi, por asar, para outras capitais a tentar outros prémios...

Voltando á narrativa evocativa, Leitão de Barros diz:

—Então, um belo dia, telefonei ao meu velho amigo Fernando Santos, antigo colega das Belas-Artes, e ao excelente comediógrafo, seu colaborador, que é o Almeida Amaral.

E numa espécie de definição pessoal, comenta:

—Como eu em Teatro tenho sido um autor bissexto e não acredito que seja capaz de, sózinhos, me meter em casa e fazer uma peça de teatro, propus-lhes que colaborássemos para transformarmos numa peça escrita a peça oral que eu trazia na cabeça.

E diz-nos, convictamente:

—A sua colaboração foi preciosa. Não só na forma de contar o drama mas, também, no enriquecimento das personagens acessórias.

Acentuando a sua maior amizade e espírito de colaboração de Fernando Santos e Almeida Amaral, por quem — disse — tem grande admiração, Leitão de Barros acrescenta:

—Em todos os aspectos, eles marcaram as suas personalidades e a sua longa experiência e méritos de autores. Não há, portanto, segredo nenhum nesta colaboração. Apenas pergunto a mim mesmo se ela não será «bissexto» como eu próprio...

—Não há então — interrompem — um projecto de escreverem, de parceria (uma peça para a próxima época?)

—Sabem... é tudo uma interrogação...

—E sobre a adaptação do «Prémio Nobel» para o Cinema?

—Olhe, só gosto de falar das coisas quando as realizo. Na verdade a peça foi traduzida em inglês e entregue ao representante da «Metro» no Brasil. Por outro lado, também há uma hipótese de eu ir filmá-la na Suécia. Mas está tudo em negociações e não gosto de falar antes do tempo.

—A que atribuiu, então, essa «procura»?

—Sem dúvida, creio que á universalidade do tema do «Prémio Nobel» onde, pela primeira vez, se procurou a glorificação da teoria do Nobel.

E, com estas declarações de Leitão de Barros, terminou este substancioso inquérito. Resta-nos felicitar os consagrados autores por esta 100.ª representação. E oxalá isto se repita por muitos e bons anos...

FESTA ARTISTICA

da Orquestra Copacabana

NAZARE, 18.—Reina grande entusiasmo entre a população e banhistas em virtude da festa artística da Orquestra Copacabana, que se realiza no dia 21, ás 22 horas, no Cine-Casino Paraíso desta praia. O programa inclui muitas atrações e diversos concursos.

Médicos para a Guiné

Na repartição dos Serviços de Saúde e Higiene, da Direcção-Geral de Administração Política e Civil, está aberto concurso para o provimento dos lugares de médicos oftalmologista e leprologo do quadro complementar de cirurgiões e especialistas da província da Guiné.

AFOGADA NUM POÇO

LOBÃO DA BEIRA, 18 — Adália Rodrigues Narciso, filha de António Rodrigues Narciso, quando ia tirar água a um poço, fê-lo com tanta infelicidade, que se desequilibrou e morreu afogada.

O PORTO pelo telefone

Alarme no mar

PORTO, 19.—Pelas 7 horas começaram a ouvir-se, nas imediações do Castelo de Queijo, repetidos toques de sireia vindos do mar e que produziram justificado alarme no populoso bairro piscatório de Matosinhos, sem que ao certo se soubesse qual a embarcação que assim pedia socorro, dando que sobre a costa uma extensa camada de nevoeiro impedia a visibilidade. As autoridades imediatamente tomaram providência, mandando sair o salva-vidas «Carvalho Araújo», a lancha dos pilos da barra e a «Ramalheira», ao mesmo tempo que se dava o alarme ás corporações de bombeiros.

A tripulação do salva-vidas «Porto», da Afurada, esteve de prevenção. Enquanto no mar se faziam pesquisas para localizar a embarcação, compareciam na praça Sul do Castelo do Queijo os comandantes João Pais de Carvalho, Coutinho Lanhoso, Machado de Sousa e o patrão-mor, José António da Costa, da Capitania do Porto. Ao cabo de infrutíferas pesquisas, veio a saber-se que havia entrado em Leixões com água aberta a traineira «Nuno Alvares Pereira», de Matosinhos, que devido ao nevoeiro abalroou num rochedo, tendo-se safado pelos seus próprios meios para Leixões, donde veio mais tarde para o Douro, depois de reparada.

Teatro do Povo

Realizou-se ontem o 1.º espectáculo do Teatro do Povo, no Terreiro P. Afonso Henriques, em pleno coração da populosa freguesia da Sé, a mais densa da cidade; e onde a população infantil é superior em muito á dos adultos, pelo que constituiu problema difícil o manter a miudagem em sossego.

A assistência foi ainda superior á da véspera, e o espectáculo decorreu com bom sentido artístico, sendo os intérpretes largamente aplaudidos.

Foram representados o «Auto de Santo António», de Gustavo de Matos Sequeira, e a comédia francesa de Marivaux, «O Príncipe disfarçado ou o ilustre aventureiro», adaptação de António Lopes Ribeiro.

O Teatro do Povo segue para Barcelos, onde se apresentará amanhã.

Monumento a Ramalho Ortigão

Começou hoje a ser montada no Jardim João Chagas a estátua a Ramalho Ortigão que será solenemente inaugurada no próximo sábado pelas 17 horas. Ao acto assistirão, como representante do Governo, o sr. dr. Veiga de Macedo, subsecretário da Educação Nacional; o ministro da Holanda em Lisboa, e autoridades civis, militares e eclesiásticas desta cidade.

Colónias de férias

Para Chaves, Baião, seguiram hoje, ás 8 horas, 70 rapazes filhos de graduados e guardas da P. S. P., que vão estagiar durante 20 dias na Colónia de Campo da Comissão Central das Juntas de Freguesia do Porto, gentilmente cedida ao comando daquela corporação pelo sr. governador civil. Assistiram á partida muitas pessoas das famílias das crianças, o 1.º comandante, sr. major Santos Junior, e o comissário Azevedo, da comissão directiva das colónias de férias da Polícia de Segurança Pública.

PASTA

Desapareceu dum automóvel Plymouth estacionado junto Igreja Mercês, dia 18, ás 15 horas. Agradece-se telefonar 30529 para combinar devolução papéis. Dão-se alviças.

CHÁ

MATE LEÃO
Produto brasileiro

O Mate Leão é uma bebida fresca, saborosa e saudável. A venda nas casas de chá e café, confeitarias e mercearias finas. Serve-se á chávina em todos os bons salões de chá, pastelarias e cafés.

Distribuidores:
Sociedade Comercial de Chás, Lda.
150-A, Rua Pascoal de Melo, 150-B
LISBOA

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUCAM-SE

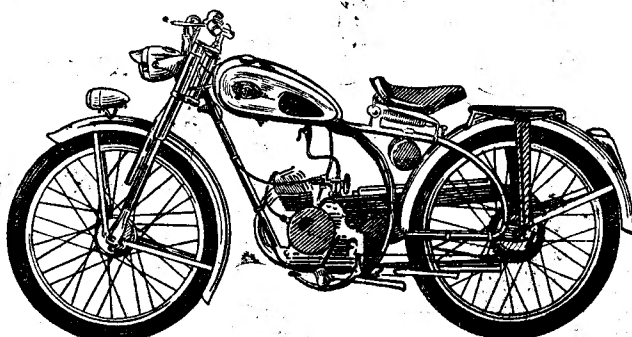
EST. VALENTIM DE CARVALHO, Lda
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

Volumes até 30 Kgs.

Podem ser despachados no caminho de ferro como «Tarifas». Serviço prático, rápido e económico que o Publico distingue — preferindo-o.

DUCATI SUPER-SPORT

MODELO INTEIRAMENTE NOVO E INÉDITO



3 VELOC. RICK-STARTER

APRESENTAÇÃO, CARACTERÍSTICAS E COMANDOS DE UMA MOTO LIGEIRA MODERNA

ISENTA DE CARTA

Peçam demonstrações

MICROMOTOR, LDA.

AVENIDA PARIS, 3 TELEF. 77 6138/9 LISBOA

Filiais em: Aveiro — Coimbra — Faro

Delegação: Caldas da Rainha — Rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 40

DIÁRIO DE LISBOA

CONFUSÃO...

Salomão foi ao dentista, que o examina e lhe fez saber que terá de lhe arrancar dois dentes.

—Mas isto não está bom e vou anestesiá-lo para o adormecer—adverte o dentista.

Salomão escuta a sentença, mete a mão à algibeira, tira de lá umas moedas e põe-se a olhá-las com um ar profundamente melancólico.

—Paga depois, paga depois... Não é preciso pagar já...

—Pagar já? Quem é que falou nisso? Se o senhor diz que me vai adormecer, não acha natural que eu verifique o que tenho nas algibeiras?

PROGRAMAS DA RÁDIO

EMISSORA — As 18: danças; as 18 e 45: orquestras típicas; as 19: desdobramento; as 20: Jornal Sonoro; as 20 e 15: zarzuelas; as 20 e 45: orquestras ligeiras; as 21: noticiário; as 21 e 15: desdobramento; as 23 e 50: noticiário e encerramento.

Programa A — As 19: noticiário; as 19 e 5: canções de Paris; as 19 e 20: marchas; as 19 e 30: repetição de um programa da série: «As Grandes Figuras da Humanidade», por Miguel Trigueiros; as 20: junção dos emissores; as 21 e 15: trechos de piano; as 21 e 30: Um Homem que é Deus: «A nossa parte na redenção», palestra pelo dr. António de Azevedo Pires; as 21 e 45: transmissão do Pavilhão dos Desportos do 7.º concerto da série promovida pela Câmara Municipal de Lisboa e pela Emissora Nacional, em que tomam parte a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Frederico de Freitas; e a cantora Maria Fernanda Mela; as 22 e 30: Duas Gerações, de Barradas de Oliveira; as 22 e 45: 2.ª parte do concerto sinfónico; as 23 e 50: junção dos emissores.

Programa B — As 19: concerto orquestral; as 19 e 50: noticiário regional; as 20: junção dos emissores; as 21 e 15: Que quer ouvir?, programa organizado por Nuno Fradique, com os discos pedidos pelos ouvintes; as 21 e 45: Presença do Passado, pelos dres. João Ameal e Domingos Mascarenhas; as 22 e 15: Album Musical; as 22 e 45: Viagens ao Mundo da Dança, programa de Rui Bandeira e Fernando Teles de Castro; as 23 e 15: danças; as 23 e 50: junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — As 18: concerto; as 18 e 45: variedades; as 19 e 15: Língua portuguesa; as 19 e 30: Jornal da A. P. A.; as 20 e 15: conjuntos; as 20 e 30: Chuva de estrelas; as 20 e 45: Programa Vimeiro; as 21: Vozes de Portugal; as 22 e 30: Companheiros da Alegria; as 24: música de baile; as 0 e 30: solistas; as 0 e 45: noticiário; as 0 e 55: amanhã; a 1: fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — Das 18 e 30 às 2 h.

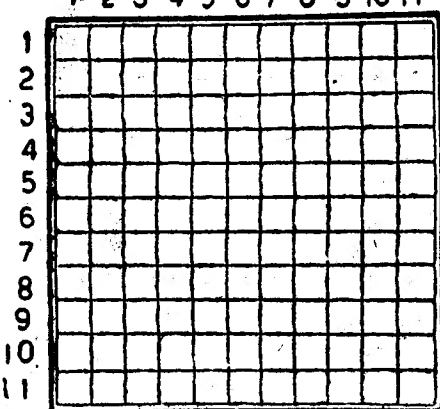
POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 às 19 e 30: Rádio Graça; 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; 22 a 1: Clube Radiofónico de Portugal.

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 888

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Cidade de Itália. Bosque. 2—Pedras de altar. Nota musical. Nome de um astro. 3—Pelos de certos animais. Campo. Símbolo químico do níquel. 4—Campeão. Acção de uma força que desloca um móvel. (pl.). 5—Estavas. Grupo de três. 6—Passadas. Nome de homem antigo. 7—Amarrei. Sulcas. 8—Vila do concelho de Seia. Batráquio. 9—150 romanos. Despacha. Preposição. 10—Criada grave. Símbolo químico da prata. Dar pios. 11—Nome de homem bíblico. Província ultramarina.

VERTICAIS: 1—Salto de cavalo. Aversões. 2—Datas célebres. Estado da Europa. 3—Em as. Paraíso. Símbolo químico do ouro. 4—Oário definido. Atração. 5—Navegas. Ovario dos peixes. 6—Sargento (pl.). Aliada. 7—Heroina francesa. Inerte. 8—Efectivo. Pago. 9—Carta de jogar. Rezas. Nome de vários papas. 10—Grandes vazilhas para líquidos. Verdadeiro. 11—Amaciao. Folha de videira.

Solução do problema n.º 887

HORIZONTAIS: 1—Per. Ave. Dia. 2—As. Preta. Ar. 3—Prelado. 4—Adie. Arma. 5—Doa. Jda. Ais. 6—Ai. Acaba. Os. 7—Ega. Ale. 8—Cré. Avo. 9—Via. Mal. Ara. 10. Em. Ralos. Ni. 11—Samaritanas.

VERTICAIS: 1—Paradas. Vês. 2—Es. Doi. Ci. ma. 3—Pia. Era. 4—Pré. Age. Rã. 5—Arc. Iça. Mar. 6—Velada. Vali. 7—Eta. Aha. Lot. 8—Ada. Ala. Sá. Eva. 10—Ia. Mio. Orna. 11—Armasse. Ais.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — No continente português, o céu está nublado e encoberto e há calma ou vento bonançoso a moderado do Norte, pela acção conjunta de um anticiclone centrado a Nordeste dos Açores e de uma depressão localizada a Nordeste de Portalegre.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu limpo e com algumas nuvens. Vento bonançoso a moderado do Norte, soprando com rajadas frescas durante a tarde na faixa costeira ocidental. Nevoeiros matinais na mesma faixa, principalmente a Norte do Cabo Carvoeiro. Pequena descida de temperatura.

O PRATO DO DIA

Peru recheado, à brasileira — Pica-se carne de peru, presunto, toucinho e os miúdos do peru, já «entalados», ovos cozidos, cebola, salsa e pimenta. Vai tudo ao fogo a apurar. Amassa-se o refogado com miolo de pão embebido em vinho branco e vinho do Porto, tempera-se com manteiga e farinha de amendoim torrado e sal. Então, com este preparado excelente, recheia-se o peru que se lardeia com toucinho, envolve-se em papel amanteigado e assa-se, de preferência, no espeto.

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

TEATRO

NACIONAL — As 21 e 45 — «Prémio Nobel».

CINEMAS

TIVOLI — «A tunica».
EDEN — «História de um grande amor».
SAO JORGE — «O feiticeiro de Oza».
IMPERIO — «Sombras na cidade».
CONDES — «Matou».
MONUMENTAL — «O bandido da cova do lobo».
POLITEAMA — «O seu melhor amigo».
ODEON e PALACIO — «A alegre caravana».
CAPITOLIO — «Hong-Kong».
OLIMPIA — «Os dragões do deserto».
TERRASSE — «Processo contra a cidade».
PROMOTORA — «A ilha da tentação».
CHABY (Algueirão) — «O judas».

DESPORTOS

TECNICO (Av. Rovisco Pais) — A's 22 — Campeonato Nacional de Voleibol da 2.ª divisão (Zona Sul): Lisboa Ginásio-Clube Nacional de Ginástica.
ESTADIO ALVALADE — A's 21,30 — Festival de homenagem aos campeões nacionais de futebol, incluindo provas de ciclismo.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNIO C — Sousa — Estrada de Benfica, 429-431 — Tel. 58-027; Leal de Matos — Rua de Neves Costa, 33-35 — Carnide — Tel. 58-181; Laranjeiras (Das) — Rua de Filipe da Mata, 160-162; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77 — Tel. 79-480; Alentejo — Avenida da Igreja, 28-B — Sítio de Alvalade — Tel. 77282; Campo Pequeno (Do) — Avenida da Republica, 58-B-C — Tel. 71661; Onilida — Avenida de João XXI, 13-A — Tel. 77848; Universal — Rua do Actor Taborda, 5-7 — Tel. 44158; Novais — Avenida de Luis Bivar, 11-13 — Tel. 44324; Ascenso — Rua 19 — Bairro da Encarnação — Tel. 399216; Olivais (Dos) — Rua de Alves Gouveia, 19 — Tel. 399237; Conceição — Calçada de D. Gastão, 30-32 — Tel. 39279; Pereira, Suc. — Rua do Paraíso, 98-100 — Tel. 845124; Silva — Calçada de Santo André, 16 — Tel. 26474; Branquinho — Rua dos Sapadores, 87 — Tel. 842725; Marluiz — Calçada da Picheleira, 140-B-C — Tel. 840703; Bastos — Rua de Moraes Soares, 91-D — Tel. 844350; Castro — Avenida do Almirante Reis, 76-A-B — Tel. 44373; Peninsular — Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 — Tel. 53308; Albano — Rua da Escola Politécnica, 59 — Tel. 26750; Salutar — Rua B, 75-A-B — Bairro da Liberdade; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A — Tel. 44424; Lináida — Rua de Ferreira Borges, 32-34 — Tel. 60955; Gouveia — Rua de D. Maria Pia, 514 — Tel. 64949; Ocidental — Rua de D. Jerónimo Osório, J. P. M. 3 — Tel. 36256; Gomes, Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira, 326 — Tel. 38193; Costa — Rua dos Lusitãos, 32 — Tel. 36474; A. Cesar — Rua do Prior do Crato, 47 — Tel. 60187; Guerreiro da Costa — Rua das Janelas Verdes, 90 — Tel. 62327; Mota Capitão — Rua de S. Félix, 87 — Tel. 60720; Fénix — Rua da Cruz dos Poiais, 52 — Tel. 21031; Sanitas — Praça Luís de Camões, 24 — Tel. 22798; Liberal — Avenida da Liberdade, 217-219 — Tel. 43641; Monteiro — Rua da Mouraria, 35 — Tel. 28787; Portugal — Rua Augusta, 216-218 — Tel. 22073.

HA TRINTA ANOS

«O Parlamento votou para si uma situação privilegiada em matéria de subvenções, veio pôr de atalaia o espírito público acerca do desinteresse com que faz justiça a si próprio» — dizia, em «fundos» — o «Diário de Lisboa» de 19 de Agosto de 1924, acrescentando: «O funcionalismo, que vive horas de grande amargura, por carência de recursos, obtém como melhoria o coeficiente de 12 — o que não constitui motivo para alegrias, a não ser que as desperce a ironia ácida e triste de quem faz ressoar a desgraça, rindo-se. Os srs. parlamentares, com uma ausência de tino que assombra, talham para si um coeficiente larguíssimo que lhes vai permitir viver no seio da representação nacional com as comodidades que os seus esgotados labores não podem dispensar...».

SABUGA
A MELHOR ÁGUA DE SINTRA



— Eu prefiro com uma palhinha...

BOLSA DE LISBOA

VALORES | Efectuado Compra/Venda

Fundos do Estado

Consolid. 2 3/4 T. 10...	795\$	795\$	796\$
Consolid. 3% T. 10...	877\$	876\$	877\$
Consolid. 3 1/2 % T. 10...	1.000\$	999\$	1.001\$
Centenários 4% 1940...	—	2.170\$	2.180\$
Obg. Tes. 2 1/2% 1942...	—	955\$	980\$
Obg. Tes. 2 1/2% 1943...	—	955\$	980\$
Obg. Tes. 2 1/2% 1944...	—	955\$	980\$
Externo 1.ª série...	—	—	1.330\$
Externo 1.ª série car...	1.330\$	1.328\$	1.330\$
Externo 2.ª série...	—	—	—
Externo 2.ª série car...	—	—	—
Externo 3.ª série...	—	1.430\$	—
Externo 3.ª série car...	—	1.430\$	1.440\$
Caut. 3.ª série s/juro...	180\$	179\$	—

Obrigações

Águas de Lisboa 5%...	510\$	509\$	511\$
Norte de Portugal 5 %	106\$	105\$	106\$
Gás e Electricid. 3 3/4%	—	—	—
Gás e Electricid. 4%	998\$	997\$	999\$
Gás e Electricid. 4 1/2%	—	1.006\$	—
Gás e Electricid. 5%...	—	1.030\$	1.040\$
U. E. P. 3 3/4 %...	—	92\$	93\$
U. E. P. 4 % 1945...	965\$	—	—
U. E. P. 4 % 1948...	965\$	96\$	97\$
U. E. P. 4 1/2 %...	—	98\$	—
U. E. P. 5 % 1951...	—	—	—
U. E. P. 5 % 1952...	—	101\$	103\$

Acções Seguros

Fidelidade...	—	—	—
Mundial...	—	755\$	760\$
Nacional...	—	2.650\$	—
Sagres...	—	—	—
Tagus...	—	—	—

Bancos

Alentejo...	—	380\$	395\$
Angola...	—	610\$	618\$
Espírito Santo...	—	6.000\$	—
Lisboa & Açores...	—	2.700\$	2.990\$
Portugal...	1.950\$	1.930\$	1.960\$
Ultramarino...	582\$	580\$	585\$

C.ª Diversas

Águas Lisboa 1934...	—	210\$	220\$
Águas Lisboa 1936...	—	—	—
Cimentos Tejo...	—	405\$	420\$
Cimentos Leiria...	465\$	465\$	470\$
Crédito Predial...	425\$	425\$	428\$
Elect. das Beiras...	—	—	1.470\$
Gás e Electricidade...	214\$	213\$	214\$
H. Alto Alentejo...	1435\$	1435\$	144\$
H. E. Cávado...	1.295\$	1.292\$	1.300\$
H. E. Zézere...	—	1.370\$	—
Industrial Aliança...	—	—	460\$
Portugal e Colónias...	—	455\$	460\$
Nac. de Electricidade...	1.280\$	1.275\$	1.290\$
Nac. Navegação...	—	1.271\$	1.274\$
Col. Navegação...	—	625\$	628\$
Port. de Pesca...	—	1.225\$	1.230\$
Port. Tabacos...	445\$	444\$	446\$
Tabacos de Portugal...	—	588\$	593\$
União Elect. Port...	—	252\$	255\$

C.ª Ultramarinas

Ag. Casquel...	1.770\$	1.765\$	1.775\$
Ag. das Neves...	—	1.500\$	1.650\$
Agricultura Colonial...	—	1.605\$	1.640\$
Agucar de Angola...	3.270\$	3.265\$	3.275\$
Boror...	—	662\$	675\$
Cabinda...	473\$	471\$	475\$
Col. do Buzi...	267\$	267\$	268\$
Ilha do Príncipe...	—	2.550\$	2.600\$
Moçambique...	—	175\$	179\$
Zambézia...	—	165\$	168\$

J. BURNAY, LDA. Papéis de crédito
Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 21273

CARTÃO DIPLOMATA

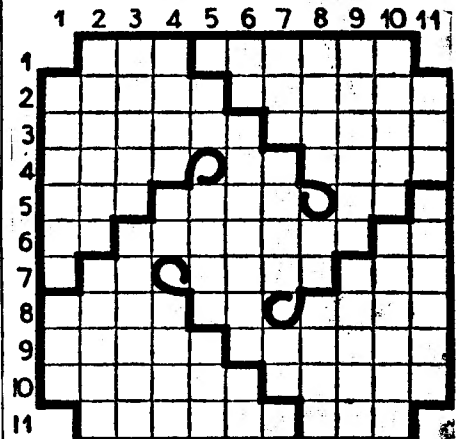
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. ANIBAL-Gravador—R. Nova do Almada, 64—LISBOA. A casa que melhor trabalha.

QUER UM CONSELHO?

Se tem colchão de lã e deseja lavá-lo, proceda deste modo: deixe a lã imersa durante alguns dias, em água fria, na qual tenha adicionado alume ou cremor tártaro. Depois, lave-a em água limpa e branqueia-a.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 4270



HORIZONTAIS: 1—Ponto em que um rio se lança no mar. Extinga. 2—Flutuem. Pensa. 3—Veneras. Avaliar. 4—Volto. Pertences. Grande rio da África oriental, afluente do Mediterrâneo. 5—Nome de letra. Mentira. Pedra de moinho. 6—Partia. Dissolvera. Nome de letra grega. 7—Crença. Orlas. De tua propriedade. 8—Imposto de transmissão. Sadia. Lavras. 9—Prefixo que designa «para dentro». Vinculava. 10—Pequena onda. Resgatar. 11—Nivelara. Ecoa.

VERTICAIS: 1—Relativos a navios. Afirmação. 2—Cansaço. Morrer. 3—Exala aroma. A mão direita. 4—Nada. Nome de letra grega. Clima. 5—Imperfeita. Pronome pessoal. Localidade do concelho de Alenquer. 6—Preposição. Cidade onde nasceu Bocage. Aspecto. 7—Como é devido. Partia. Frequente. 8—Paraíso terrenal. Reis (abrev.). Actuais. 9—Legitim. Teço. 10—Radical que entra nos alcoóis e nos éteres. Recuperava. 11—Anel. Colocar.

Solução do problema n.º 4269

HORIZONTAIS: 1—Apraz. Partia. 2—Lua. Afago. 3—Tá. Crise. Si. 4—Fases. Sic. 5—Sorvo. Abane. 6—Pia. Ria. 7—Cessa. Subia. 8—Aro. Grita. 9—Pó. Iroso. Pé. 10—Ideia. Era. 11—Zeros. Memel.

VERTICAIS: 1—Altas. Capaz. 2—Pua. Opero. 3—Rã. Friso. Ir. 4—Cavas. Ido. 5—Zarco. Agres. 6—Fie. Roi. 7—Passa. Sisam. 8—Age. Bruto. 9—Ró. Saiba. Em. 10—Sinai. Pre. 11—Apitê. Areal.

Os Fatos Usados

de homem e rapaz, calçado, etc., que V. Ex.ª tem para vender, será pago conscienciosamente, se nos chamar pelo T. 33985.

MARINHA DE GUERRA

Aviso «Afonso de Albuquerque»

CADIS, 19.—A meia noite, chegou para Lisboa o «aviso» português «Afonso de Albuquerque», que neste porto permaneceu quatro dias, durante os quais se celebraram diversas festas em honra da oficialidade. O comandante do «Afonso de Albuquerque», ofereceu, ontem à noite, a bordo, uma festa em honra das autoridades de Cadis e em agradecimento ao acolhimento festivo. — (Efe).

JOGOS FLORAIS

da Costa do Sol

Atendendo à quantidade de trabalhos apresentados e na impossibilidade, dentro do prazo marcado, do júri se pronunciar com o critério e cuidado que o certame merece, fica transferida a cerimónia de distribuição de prémios, que hoje devia realizar-se no Casino Estoril, para os primeiros dias do próximo mês de Setembro, em data que será anunciada.

O TRATADO DA C. E. D.

A Conferência de Bruxelas iniciou hoje

os seus trabalhos

BRUXELAS, 19—Primeiro a chegar, o automóvel da delegação italiana transpôs às 10 e 43 o portão do Ministério dos Negócios Estrangeiros onde a Conferência de Bruxelas se reúne. Grande multidão juntou-se nas imediações para assistir à chegada dos delegados.

Às 10 e 50, chegavam quase ao mesmo tempo o carro de Spaak, o de Beyen e os da delegação alemã. Os ministros belga e holandês estavam sósinhos; o chanceler Adenauer era acompanhado por Blank. Por fim, chegou Mendès-France e, logo a seguir, Bech.

A sessão inaugural só reúne, portanto, os chefes das delegações.

Esta sessão reveste-se de importância capital. A troca de pontos de vista entre os ministros responsáveis permitirá apurar-se se os trabalhos devam ou não continuar. A própria sorte da conferência e, consequentemente, do tratado de Paris, está em causa a partir de hoje.

«A conferência abre em ambiente ligeiramente desanuviado» — «A última oportunidade da C. E. D.» — «Os projectos franceses recebidos com reserva» — são os títulos da imprensa bruxelense desta manhã.

«Le Peuple» escreve: «O problema que se levanta à conferência é o de tentar acalmar as preocupações da França, quer sejam legítimas ou não. O essencial é não tornar o tratado vítima desses receios, fazendo ao mesmo tempo o máximo para tentar dissipar as apreensões francesas. Há que andar depressa, porque as negociações e as conversações a respeito da C. E. D. já se arrastam há três anos. Se houvesse que discutir a fundo a nota francesa, isso significaria a negociação de novo tratado, o que levaria muitos meses».

A «Libre Belgique» escreve: «A Conferência de Bruxelas não abrirá no âmbito de tensão que teria sido o seu se começasse há dois dias. O tecto de nuvens parece ter-se ligeiramente adelgado nas últimas 24 horas, sob efeito das explicações trocadas entre as seis capitais da Pequena Europa».

A sessão inaugural

BRUXELAS, 19 — Os ministros dos Negócios Estrangeiros das seis potências signatárias do Tratado de Paris foram recebidas, à entrada do Ministério onde os trabalhos se efectuarão, no salão nobre com a sua galeria de retratos dos reis da Bélgica. Os chefes das delegações, rodeados por todos os seus colaboradores, apresentam pesames a Attilio Piccioni, chefe da delegação italiana, pelo falecimento de Alcide de Gasperi.

As 11 horas, todos os diplomatas presentes entram na sala de jantar, onde há uma grande mesa em ferradura. Na parte central, senta-se Paul Henri Spaak; à direita, os lugares são reservados à delegação alemã e à belga e por último à francesa; à esquerda, sentam-se os representantes da Holanda, do Luxemburgo e da Itália. Os fotógrafos trabalham. Depois, retiram-se e Spaak faz o elogio fúnebre de Alcide de Gasperi. Piccioni falou a seguir e fez votos por que o exemplo do grande Europeu inspire os trabalhos da conferência. O chanceler Adenauer propôs estão que Spaak seja encarregado da presidência. A proposta foi unanimemente aceite.

O ministro dos Negócios Estrangeiros belga propõe que a sessão tenha carácter restricto e que cada país seja unicamente representado por dois delegados.

No que respeita à França, Pierre Mendès-France será unicamente assistido por Bourges-Maunoury. A sessão começou às 11 horas e terminou às 13 e 20. — (France Presse).

JOIAS ANTIGAS E MODERNAS

compra cobrindo todas as ofertas
Ourivesaria Pimenta
RUA AUGUSTA, 253 — TEL. 2 4564

UMA FIGURA POLÍTICA QUE DESAPARECE

As causas da morte de Alcide de Gasperi

dos adversários políticos, tanto da direita como da esquerda, e de profundo respeito da parte dos partidários, De Gasperi usufruía de uma autoridade incontestável em todos os círculos políticos. Depois do resultado pouco favorável ao seu partido nas eleições de Junho de 1953, cedeu a vez a outros estadistas do partido e abandonou ao mesmo tempo a direcção activa daquelle, parecendo entrar na sombra. Mas a sua influência continuava a exercer-se, como sempre num sentido de equilíbrio e de moderação e foi incontestavelmente graças à sua acção que a Democracia-Cristã conseguiu escapar aos perigos da cisão interna que a ameaçaram nos últimos meses. E' de perguntar, consequentemente, se a morte de De Gasperi não virá a ter profundas consequências na vida do partido e, portanto, na do país. — (France Presse).

Os últimos momentos

SELLA DI VALSUGANA, 19 — O cadáver de Alcide De Gasperi repousa no leito do quarto que partilhava com sua mulher, transformado em camara ardente. Ramos de flores da serra, que ele tanto gostava de apanhar nos seus longos passeios, amontoam-se no leito.

Francesca De Gasperi, a viúva do estadista, e as três filhas, Maria Romana, Cecilia e Paola, que assistiram aos últimos momentos do falecido, velam o corpo, bem como Pietro Romani, alto-comissário do Turismo, cunhado de Alcide De Gasperi, e o genro deste, Piero Gatti. A outra filha do antigo chefe do Governo, freira num convento das Irmãs da Assunção, em Roma, não pôde ser prevenida a tempo.

Era perto de uma hora da madrugada quando se manifestou a crise que seria fatal ao estadista eminente. Chamou-se imediatamente o dr. Toller, amigo pessoal do falecido, prevenindo-se ao mesmo tempo mons. Rodolfo Grandi, arcebispo-deão de Borgo di Valsugana, que deu a comunhão e a extrema-uncção ao moribundo. Este conservou a lucidez até exalar o ultimo suspiro, consolando os entes queridos que o rodeavam e chorando. As suas ultimas palavras foram: «Jesus, Jesus». Fechou depois os olhos, não tornando a dar sinais de vida.

Ontem ainda, De Gasperi quis trabalhar a despeito da indisposição de que sofria há dias. Escreveu, principalmente, uma carta ao director do jornal «Alto Adige», de Trento, dando-lhe instruções com respeito à acção a seguir para reforçar a posição do Partido Democrático-Cristão, e dizendo: «Nunca nos devemos afastar do caminho justo».

Ainda não há disposições quanto ao funeral. Há quem pense que este se efectuará em Roma, por iniciativa da Democracia Cristã. — (France Presse).

As causas prováveis da crise

ROMA, 19 — De Sella di Valsugana contam, a propósito da morte de Alcide de Gasperi, que este se impressionou profundamente com as notícias acerca da preparação da Conferência de Bruxelas. Há dias já que o eminente estadista se achava indisposto e o dr. Teller, seu médico assistente,

Causou 100 mortos

o tufão que assolou o Japão

TOQUIO, 19 — O tufão que assolou ontem o Japão causou mais de 100 mortos e provocou estragos materiais avaliados até agora em cerca de 40 milhões de dólares. A baía de Tóquio continua ameaçada por vagas violentíssimas.

Na própria cidade de Tóquio, chuvas violentas causaram inundações no bairro de Fukagawa, perto do litoral. — (France Presse).

PARILAC

TINTAS — ESMALTES — VERNIZES

SECANTES

A' venda nas boas drogarias
Depósito em Lisboa para revenda:
Rua do Alcega, 49 — Tel. 31919

A SITUAÇÃO EM MARROCOS

Os partidários do sultão deposto consideram o dia 20

de luto nacional

TETUO, 19 — O próximo dia 20, primeiro aniversário do afastamento do ex-sultão de Marrocos, Mohamed Ben Youssef, deve ser considerado dia de luto nacional, segundo declara um manifesto publicado ontem em Tetuão pelo órgão do Partido Reformista marroquino de Abdelkhalek Torres.

Este manifesto, dirigido à população indígena da zona espanhola, exorta os Marroquinos a manifestarem-se em massa nas ruas de Tetuão contra as medidas tomadas no ano passado pela França e que levaram ao exílio do antigo sultão.

Esta manifestação, prossegue o apelo do Partido Reformista, deve partir da grande mesquita, onde a oração de sexta-feira será rezada em nome de Sidi Mohamed Ben Youssef. Dali, os fiéis são convidados a espalhar-se pela cidade.

Por sua parte, o general Rafael Garcia Valino, alto-comissário da Espanha em Marrocos, dirigiu à população um apelo, solicitando que a manifestação prevista se efectue tranquilamente e observe carácter pacífico. — (France Presse e Efe).

Outro crime dos terroristas

CASABLANCA, 19 — O califa do paxá de Casablanca para o 5.º bairro, Si Bennacour, foi morto, esta manhã, num atentado terrorista.

Em Tiflet o Khemisset, na região de Rabat, começou esta manhã uma operação de «limpeza». — (F. P.).

Os trabalhadores britânicos visitaram em Pequim uma prisão administrativa

PEQUIM, 19 — A delegação do Partido Trabalhista britânico e correspondentes de jornais ingleses viram hoje pela primeira vez o interior duma prisão chinesa, quando alguns deles foram levados, separadamente, a uma prisão administrativa pelo Tribunal do Povo de Pequim.

Os jornalistas foram conduzidos pelo coronel Liu Hsiang Chun, director-adjunto da cadeia e um antigo «comandante de regimento», que declarou, que a prisão fora construída há quarenta anos por um senhor de guerra chinês, entrando na posse do actual regime em 1949. Liu não revelou quantos prisioneiros se encontravam na cadeia, mas era evidente que atingiam um total de, pelo menos, 2.000.

Num demorado interrogatório feito pelos jornalistas, Liu respondeu que havia duas classes de prisioneiros — «contra-revolucionários» e «criminosos vulgares». Acrescentou, por meio de intérpretes, que cerca de dois terços dos prisioneiros pertenciam à primeira classe e que um terço era constituído por criminosos vulgares.

Os presos vistos pertenciam a ambos os sexos. Parecia haver muito mais homens do que mulheres. Liu afirmou que as idades das mulheres regulavam pelas dos homens e que não havia muitas mulheres «contra-revolucionárias».

A entrada faz-se por uma porta de cores alegres, nas altas muralhas de davam para parques, que conduziam a algumas secções com três oficinas principais — impressão mecânica, tecelagem e manufatura de meias. As mulheres pareciam constituir principalmente a secção de meias.

Liu afirmou que os presos trabalhavam durante nove horas e que a fábrica de meias produzia 4.000 pares por dia e a secção de tecelagem 300 peças de fazenda.

«Os «contra-revolucionários» cometeram crimes contra a revolução e foram acusados e sentenciados por tribunais». — (Reuter).

Fataça à Ribatejana

Mais um prato regional do «Ribatejano» — Salvaterra de Magos — Tel. 14

bem como o seu médico habitual, prof. Borromeo, prevenido pelo telefone, recomendaram à família que o poupassem a todas as preocupações. No entanto, De Gasperi teve várias conversas telefónicas com Mário Scelba, presidente do Conselho, e cre-se que depois da ultima, ontem, ficou muito agitado, parecendo consternado.

O seu estado de saúde começou então a inspirar cuidados e, com efeito, pouco depois, teve um pequeno colapso cardíaco, de que pareceu, aliás, refazer-se rapidamente depois de uma injeção. Durante a noite, repetiram-se as crises a que sucumbiria sem nunca perder o conhecimento. — (F. P.).

Alcide de Gasperi era natural de Trento, onde nasceu em 1881, numa época em que aquela região fazia ainda parte do Império austro-hungaro, desaparecido depois da guerra de 1914-18. Concluiu, em 1905, o curso universitário, recebendo o diploma de doutor em Filologia moderna. Terminado esse seu curso, dedicou-se ao jornalismo, fazendo parte da redacção e dirigindo mais tarde o jornal «Il Trentino» que defendeu a causa da incorporação na Itália dos territórios de população italiana que se encontravam sob o domínio dos Habsburgos.

Em 1911 foi eleito pela primeira vez, deputado ao Parlamento austriaco, em representação de Trento, desenvolvendo grande actividade na defesa das reivindicações da população local. Com o final da primeira guerra mundial e a vitória dos Aliados, a Itália viu satisfeitas as suas aspirações. De Gasperi assumiu um papel de relevo na política da sua nova pátria filiando-se no Partido Católico Popular, fundado por D. Sturzo e presidindo o primeiro congresso desse partido que se reuniu em Bolonha depois da vitória. Foi eleito deputado em 1921, e dirigiu o respectivo grupo parlamentar até o advento do fascismo, que ocorreu pouco depois.

Em 1924, D. Sturzo, que se mostrou desde o início do regime fascista adversário irreductível desse regime e do seu chefe, exilou-se e De Gasperi assumiu as funções de chefe do Partido Católico Popular. Este foi suprimido com todos os outros que exerciam a sua actividade em Itália e De Gasperi foi preso em 1927 e condenado a quatro anos de prisão. Depois de cumprir esta pena dedicou-se principalmente ao estudo e refugiou-se no Vaticano onde exerceu as funções de bibliotecário trabalhando ininterruptamente na preparação de vários trabalhos históricos.

Na ultima fase do fascismo, especialmente depois da entrada da Itália na segunda guerra mundial, em 1940, retomou a actividade política, sendo intensa a acção clandestina que desenvolveu para derrubar o regime de Mussolini. Em seguida à libertação de Roma, em Junho de 1944, foi eleito secretário-geral do Partido Cristão-Democrata, que sucedeu ao Partido Católico Popular. Fez parte do governo Bonomi, como ministro sem pasta, e desde Dezembro de 1945 desempenhou, durante largo tempo, os cargos de chefe do governo e ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país, na fase mais delicada da sua existência neste século, defendendo a causa da Itália na Conferência da Paz em Paris. Partidário convicto da solidariedade ocidental, a sua acção se deve à entrada da Itália na aliança atlântica, sendo uma das nações europeias que mais beneficiou do plano Marshall. Depois de presidir, ininterruptamente a sete governos, deixou a direcção da política italiana, ficando porém como secretário-geral e primeira figura do partido de que continuou a ser o mais categorizado chefe e orientador.

Os acepipes do **GAMBRINUS** são uma refeição completa
Amanhã, prato especial: Bacalhau à Gambrinus